



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE E CULTURA VISUAL
MESTRADO

TRAJES DE FESTA: UM ESTUDO DO FIGURINO DO MESTRE DE CATOPÊS JOÃO
FARIAS DE MONTES CLAROS - MG

SUELY LOPES DE QUEIROZ FERREIRA

GOIÂNIA/GO
2014

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Artes Visuais
Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual
Mestrado

TRAJES DE FESTA:
um estudo do figurino do Mestre de Catopês João Farias, de Montes Claros - MG

Suely Lopes de Queiroz Ferreira

GOIÂNIA/GO
2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)
GPT/BC/UFG

Ferreira, Suely Lopes de Queiroz.

F383t Trajes de Festa [manuscrito]: um estudo do figurino do Mestre de Catopês João Farias, de Montes Claros –MG / Suely Lopes de Queiroz Ferreira. - 2014.
130 f.: il.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rita Moraes de Andrade
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Artes Visuais, 2014.

Bibliografia.

Inclui lista de figuras.

1. Trajes – Aspectos simbólicos 2. Vestuário – Usos e Costumes 3. Festas folclóricas – Montes Claros (MG).I.
Título.

CDU: 391: 394.2

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Artes Visuais
Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual
Mestrado

TRAJES DE FESTA:
um estudo do figurino do Mestre de Catopês João Farias, de Montes Claros- MG

Suely Lopes de Queiroz Ferreira

Dissertação apresentada à Banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual – Mestrado da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE EM ARTE E CULTURA VISUAL, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Rita Morais de Andrade.

GOIÂNIA/GO
2014

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: [x] Dissertação [] Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor (a):	Suely Lopes de Queiroz Ferreira				
E-mail:	suelylq@oi.com.br				
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página? [x] Sim [] Não					
Vínculo empregatício do autor	Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES				
Agência de fomento:	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais			Sigla:	FAPEMIG
País:	Brasil	UF:	MG	CNPJ:	21.949.888/0001-83
Título:	Trajes de festa: um estudo do figurino do Mestre de Catopês João Farias de Montes Claros – MG				
Palavras-chave:	Cultura. Congado. Indumentária. Trajes de festa.				
Título em outra língua:	Party Costumes: a study of the costume of the Master of Catopês João Farias, Montes Claros - MG				
Palavras-chave em outra língua:	Culture. Congado. Vestment. Party Costumes				
Área de concentração:	Arte, Cultura e Visualidades				
Data defesa: (dd/mm/aaaa)	28/08/2014				
Programa de Pós-Graduação:	Arte e Cultura Visual				
Orientador (a):	Prof. ^a Dr. ^a Rita Moraes de Andrade				
E-mail:	ritaandrade@hotmail.com				
Coorientador(a):*					
E-mail:					

*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento [x] SIM [] NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação. O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

_____ Data: ____ / ____ / ____
Assinatura do (a) autor (a)

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Artes Visuais
Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual
Mestrado

TRAJES DE FESTA:
um estudo do figurino do Mestre de Catopês João Farias, de Montes Claros - MG

Suely Lopes de Queiroz Ferreira

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Rita Morais de Andrade (FAV/UFG)
Orientadora e Presidente da Banca

Prof.^a Dr.^a Nei Clara de Lima (UFG)
Membro Externo

Prof.^a Dr.^a Míriam da Costa Manso Moreira de Mendonça (FAV/UFG)
Membro Interno

Prof.^a. Dr.^a Rosane Preciosa Sequeira (UFJF)
Suplente do Membro Externo

Prof. Dr. Thiago F. Sant'Anna (UFG)
Suplente do Membro Interno

*Aos meus pais, pelo amor incondicional.
Ao meu esposo, Lindomar, pela compreensão e
paciência.
E ao meu filho Raphael, pelo seu carinho e amor.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar forças para completar esta caminhada.

A toda minha família, pelo incentivo e apoio de que eu precisava.

Aos meus amigos e minhas de todas as horas, anjos mais que especiais.

À Rita Andrade, pela paciência, compreensão, generosidade e encorajamento.

Aos colegas de trabalho da UNIMONTES e aos companheiros que comigo participaram do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás/Minter Unimontes, pela força e incentivo.

Aos colegas do Conservatório Lorenzo Fernandez, pelo apoio.

À Elvira, pela amizade, força e empenho em conquistar o Minter.

Aos professores Raimundo Martins, Alice Fátima Martins, Thiago Sant'Anna, Rosana Hório Monteiro, Arão Paranaguá de Santana, José César Clímaco, pelas aulas inesquecíveis!

Às professoras Míriam da Costa Manso e Leda Guimarães, pelas valiosas orientações na banca de qualificação.

À Maria Luiza Klem, pelas traduções em inglês.

Ao Pedro Mota, pelas traduções em inglês.

Aos amigos Fábio e Leonardo, por compartilharem comigo seus conhecimentos nos momentos difíceis.

Ao Manoel, professor de Francês, pela paciência e apoio.

Aos funcionários da Secretaria Municipal de Cultura de Montes Claros e do Centro de Pesquisa e Documentação Regional-Unimontes, pelas informações valiosas.

Ao fotógrafo Miro de Souza, pelas conversas sobre as Festas de Agosto.

Aos funcionários da secretaria do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual: Alzira, Arlete e Fabrício, pela competência no atendimento.

À UNIMONTES, FAV/UFG e FAPEMIG, pela oportunidade de fazer o Mestrado.

Ao Mestre João Farias, especialmente, pela gentileza com que me recebeu em sua casa, concedendo-me informações indispensáveis para esta pesquisa.

Ao seu João Pedro Sobrinho, pela gentileza, paciência e disponibilidade com que me recebeu em seu trabalho.

A todos aqueles que trabalham para que a Festa de Agosto aconteça todos os anos.

“Festa é uma fala, uma memória e uma mensagem.”
(Carlos Rodrigues Brandão)

RESUMO

Este trabalho consiste no estudo de trajes de festa do Mestre João Farias, líder do grupo de Catopês “Nossa Senhora do Rosário” desde o ano de 1971. Esse grupo faz parte das tradicionais Festas de Agosto da cidade de Montes Claros/MG, festejos que se inserem no contexto do Congado brasileiro. A pesquisa tem como objetivo principal descrever os trajes do citado Mestre, buscando identificar possíveis relações entre a cultura e a devoção, assim como apontar quais características visuais dos trajes, tanto dos integrantes dos grupos como dos participantes dos reinados, podem ser representativas de uma herança colonial que perdura ainda hoje como importante prática cultural, mantendo traços antigos enquanto incorpora novidades estéticas. O percurso metodológico utilizado foi a pesquisa bibliográfica e documental, tendo como recursos de coleta de dados entrevistas, fotografias e análise dos trajes do Mestre João Farias. Esta investigação nos levou a acreditar que a fé e a devoção se manifestam não só quando o Mestre e seu grupo usam os trajes de festa, mas esses elementos religiosos permeiam todos os momentos do cortejo.

Palavras-chave: Cultura. Congado. Indumentária. Trajes de festa.

ABSTRACT

This work consists of the study of party costumes Master João Farias, group leader Catopês "Our Lady of the Rosary" from the year 1971. That group is part of the Traditional festivities August of Montes Claros /MG, festivities that fit into the context of the Brazilian Congado. The research aims to describe the costumes of the Master, aiming to identify possible relationships between culture and devotion, as well as pointing out which visual features of the costumes, the members of both groups as the participants of the reigns, may be representative of an inheritance colonial that endures today as an important cultural practice, maintaining old features while incorporating aesthetic innovations. The methodological procedure used was bibliographical and documentary research, and features as data collection of interviews, photographs and costumes analysis of Master João Farias. This investigation led us to believe that faith and devotion are manifested not only when the Master and his group use the costume party, but these religious elements permeate every moment of the cortege.

Keywords: Culture. Congado. Vestment. Party costumes

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – Mestre Zanza.....	23
FIGURA 02 – Igreja Matriz de Nossa Senhora e São José	26
FIGURA 03 – Catopês	27
FIGURA 04 – Catopês	28
FIGURA 05 – Catopês: terno de Nossa Senhora do Rosário do Mestre Zanza	29
FIGURA 06 – Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Crianças desfilando	30
FIGURA 07 – Família Real do Período Brasil Colônia (1841-1891)	31
FIGURA 08 – Reinado de São Benedito	31
FIGURA 09 – Reinado do Divino Espírito Santo	32
FIGURA 10 – Caboclinhos.....	33
FIGURA 11 – Caboclinhos na Praça Dr. Chaves.....	34
FIGURA 12 – Caboclinhos organizando-se para o desfile	35
FIGURA 13 – Marujos durante os desfiles	36
FIGURA 14 – Trança do Cipó – Mamãe-vovó dentro do “quejeme”	38
FIGURA 15 – Trança do Cipó – Mamãe-vovó presa na armadilha.....	39
FIGURA 16 – Sobrado Teles de Menezes.....	41
FIGURA 17 – Mestre João	44
FIGURA 18 – Mestre com roupa do seu dia-a-dia.....	49
FIGURA 19 – Mestre João com traje de festa	49
FIGURA 20 – Catopê esperando momento do desfile.....	51
FIGURA 21 – Catopê	52
FIGURA 22 – Encenação da Coroação da Rainha do Maracatu (2009)	59
FIGURA 23 – Festival de Quadrilhas em Fortaleza.....	60
FIGURA 24 – Imagem de Nossa Senhora de Achiropita – Bela Vista – SP (2012). ..	61
FIGURA 25 – Quadrilha de Campina Grande na Paraíba (2013)	62

FIGURA 26 – Imagem da apresentação do Terno Vilão de Catalão no X Encontro de Culturas (2010).....	64
FIGURA 27 – Baianos reverenciam Santa Bárbara e lansã em dia festivo em Salvador	65
FIGURA 28 – Fotografia de Montes Claros	67
FIGURA 29 – Catopês desfilando na rua próxima à Igreja do Rosário	71
FIGURA 30 – Primeira Marujada desfilando na rua central em direção à Igreja do Rosário	73
FIGURA 31 – Segunda Marujada com vestimenta branca desfilando no centro da cidade	74
FIGURA 32 – Caboclinhos desfilando na rua central	75
FIGURA 33 – Manequim usando traje semelhante ao do Catopé (Grupo Saruê)..	77
FIGURA 34 – Catopê desfilando na rua no dia da Festa	77
FIGURA 35 – Manequim usando traje semelhante ao do Marujo (Grupo Fitass)	78
FIGURA 36 – Marujo desfilando na rua no dia da Festa.....	78
FIGURA 37 – Manequim usando traje diferente do usado no desfile (Grupo Saruê)	79
FIGURA 38 – Caboclinho desfilando na rua no dia da Festa.....	79
FIGURA 39 – Wandaick Santos – Folder da programação de 2012.....	81
FIGURA 40 – Escultura de Felicidade Patrocínio exposta no Centro Cultural Hermes de Paula.....	82
FIGURA 41 – Encarte do CD do Grupo Internacional Trem Brasil (2000)	82
FIGURA 42 – Mestre João Farias ilustrando a capa da Revista Pequim Magazine Especial	83
FIGURA 43 – Imagem dos Marujos próximos à Igreja dos Morrinhos na capa da Revista da Secretaria Municipal de Cultura (2008).....	83
FIGURA 44 – Folder da Programação das Festas de Agosto (2013)	85
FIGURA 45 – Folder da Programação das Festas de Agosto (2013)	86

FIGURA 46 – Grupo de Caboclinhos na última visita à Secretaria Municipal de Cultura de Montes Claros.....	87
FIGURA47 – Rua lateral à Praça Dr. Chaves em frente à Igreja da Matriz de Nossa Senhora e São José.....	88
FIGURA 48 – Igreja do Rosário onde são realizadas as missas de cada santo	90
FIGURA 49 – Mastros de Nossa Senhora do Rosário, Divino Espírito Santo e Santo Expedito	91
FIGURA 50 – Reinado de Nossa Senhora do Rosário se preparando para o desfile	92
FIGURA 51 – Reinado de São Benedito esperando o horário para desfilar	94
FIGURA 52 – Momento do desfile do Império do Divino Espírito Santo numa rua central da cidade	95
FIGURA 53 – Missa de agradecimento e encerramento da parte religiosa da Festa	97
FIGURA 54 – Momento da entrega da bandeira de Nossa Senhora do Rosário para a mordoma do próximo ano.....	98
FIGURA 55 – Bandeira de Santo Expedito, momento da entrega da bandeira para o mordomo	98
FIGURA 56 – Mordoma do próximo ano segurando a bandeira do Divino Espírito Santo	99
FIGURA 57 – Missa no Dia da Assunção	101
FIGURA 58 – Terno de Catopês de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito..	103
FIGURA 59 – Terno de Catopês do Divino Espírito Santo	104
FIGURA 60 – Fotografia de Eustáquio Neves: imagem da Guarda de Moçambique	105
FIGURA 61 – Mestre João mostrando seu traje de festa	110
FIGURA 62 – Jaqueta branca de Oxford.	111
FIGURA 63 – Faixa de cetim bordada com pedrarias em vermelho.....	113

FIGURA 64 – Calça comprida social de Oxford branca (frente)	114
FIGURA 65 – Calça (costas)	114
FIGURA 66 – Detalhe frente da calça	114
FIGURA 67 – Detalhe lateral da calça.....	114
FIGURA 68 – Detalhe bolso da calça.....	114
FIGURA 69 – Botina de couro preta do mestre.....	115
FIGURA 70 – Para completar o figurino, um belo capacete.....	116
FIGURA 71 – João Pedro Sobrinho em sua alfaiataria.....	118

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1 PERCURSO METODOLÓGICO	48
2 NA TRILHA DAS FESTAS	57
2.1 Festas brasileiras.....	57
2.2 Festas de Agosto em Montes Claros	66
2.2.1 Os grupos de Congado.....	71
2.2.1.1 Os Catopês	71
2.2.1.2 A Marujada	73
2.2.1.3 Os Caboclinhos	75
2.3 Trajes do Grupo Fitas e do Grupo Saruê	76
2.3.1 Organização das Festas de Agosto	84
2.3.1.1 Levantamento do Mastro de Nossa Senhora do Rosário	89
2.3.1.2 Reinado de Nossa Senhora do Rosário	91
2.3.1.3 Reinado de São Benedito / Império do Divino Espírito Santo	93
2.3.1.4 Encontro Mineiro de Ternos de Congado	95
2.3.1.5 Procissão de encerramento	96
2.3.1.6 Entrega das bandeiras	97
3 A INDUMENTÁRIA EM FESTAS RELIGIOSAS.....	100
3.3 Irmandade da Boa Morte	100
3.4 Catopês de Bocaiúva.....	102
3.5 Arturos.....	104
4 TRAJES DO MESTRE	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
REFERÊNCIAS	123

INTRODUÇÃO

No mundo globalizado, em que a tecnologia atua de forma dinâmica, manter aspectos culturais próprios de uma cidade é um desafio. Assim, consideramos de grande importância os estudos sobre a cultura regional/local. Em vista disso, nossa intenção, neste estudo, é valorizar a tradicional Festa Católica de Agosto, de Montes Claros, representada pelos grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos, que, ao se apresentarem, homenageiam Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e o Divino Espírito Santo.

A festa é organizada pela Secretaria Municipal de Cultura de Montes Claros, que disponibiliza verbas para os grupos providenciarem o vestuário dos participantes e que realiza a decoração das ruas centrais nas quais são realizados os desfiles.

Tendo em vista que esse tradicional festejo atravessa as gerações das famílias dos grupos dos Catopês, Marujos e Caboclinhos, dos festeiros e da cidade, pode-se dizer que, com o passar dos anos, tanto a festa quanto os grupos sofreram influências diversas. Essas mudanças são esperadas e acabam sendo incorporadas, sem prejudicar as performances¹ consideradas tradicionais.

Durante os estudos, constatamos que não podemos pensar o conceito de preservação como algo estático, alheio aos acontecimentos do mundo externo. É impossível ignorar todas as interferências advindas do mundo contemporâneo, que invadem de maneira contínua o cotidiano das pessoas e dos grupos sociais que compartilham, às vezes, os mesmos objetivos de vida.

Ancorados nessa percepção, entendemos que seria impossível congelarmos manifestações, como as Festas de Agosto e os desfiles dos grupos, porque constituem práticas dinâmicas. Poderíamos, então, passar para as futuras gerações uma preservação híbrida e mais adequada à realidade.

¹ De acordo com Ligiéro (2011), o conceito de “performance” vai desde o “*performingart*” até as práticas performativas. O termo vem sendo aplicado não só à arte como às tradições religiosas e festivas. “Os estudos da Performance, mais do que um rótulo, é um processo de conhecimento, que se dá em vários níveis. Para quem faz é um processo de se auto-conhecer, conhecer sua própria expressão. Conhecer a sua forma de ser, o seu corpo, a sua voz, ter a sua consciência do seu trabalho. E, para quem assiste, é uma forma de conhecimento também do outro. É uma forma de conhecimento, às vezes, das tradições, uma forma de perceber melhor como é que essas tradições se mantêm” (LIGIÉRO, 2011.s.p.).

Nessa perspectiva, quando pensamos em cultura, lembramo-nos da riqueza artístico-cultural de Montes Claros. Essa cidade é permeada por diversas manifestações culturais, como música, teatro, dança, festival folclórico e exposições artísticas diversas, e é nesse universo cultural que acontecem as Festas de Agosto. Nesse contexto, manifestações como Catopês, Marujos e Caboclinhos, representantes do Congado de Montes Claros, fortalecem significativamente a permanência de práticas culturais instaladas no período colonial. Considerando toda essa riqueza cultural montes-clarense, pensamos ser importante e necessário valorizar as manifestações que estão próximas a nós e presentes no nosso dia-a-dia.

No percurso deste estudo, estaremos sempre nos referindo aos grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos, por julgar que todos são importantes no contexto das Festas de Agosto.

O Congado é uma manifestação presente em vários estados do Brasil, porém, em Minas Gerais, há uma maior concentração desse tipo de festa. Historicamente, esses grupos reverenciavam somente os santos negros, coroando reis e rainhas Congos. Em algumas regiões, o Rei e a Rainha são representados por adultos. Em Montes Claros, Rei, Rainha e toda a corte são representados, em sua maioria, por crianças. É notória, no cortejo do Divino Espírito Santo, uma participação maior de adolescentes e adultos, além das crianças. Basicamente, a manifestação nas cidades é a mesma, contando sempre com as particularidades de cada região onde acontecem os festejos. Raramente, as pessoas usam o termo Congado; sempre se referem aos grupos pelos nomes, como Catopês, Marujos e Caboclinhos – devotos de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Divino Espírito Santo.

Em Montes Claros, o termo “Congado” é utilizado mais por pesquisadores do que pelos próprios participantes. Os grupos também são chamados de Ternos. Existem na cidade três ternos de Catopês, dois de Marujos e um de Caboclinhos.

Esta pesquisa, que tem como título “Trajes de festa: um estudo do figurino do Mestre de Catopês, João Farias, de Montes Claros - MG”, investiga os trajes² de festa do Mestre João Farias. A escolha desse tema se deu por

² Neste estudo, utilizaremos o termo “traje” e, às vezes, seus sinônimos “roupa” ou “vestimenta”.

empatia e por perceber que o Mestre João Farias é muito comprometido com o que faz. Além disso, entre os três mestres, ele é quem representa, de fato, o negro brasileiro. É preciso valorizar pessoas como o Mestre João Farias, pois fica evidente em sua performance o quanto o ritual da festa é importante e significativo para ele. Seu grupo sempre acolhe os jovens, porém ele faz questão de manter os integrantes mais velhos, por acreditar que eles são os maiores responsáveis por manter preservada a tradição, ao passar seus conhecimentos e experiências aos mais jovens.

Durante o período festivo das Festas de Agosto, existe, além da festa religiosa, uma vasta programação. Shows musicais, barraquinhas e feira de artesanato acabam desviando o público do sentido religioso da festa. Assim, diante da necessidade e da importância deste estudo, formulamos o seguinte problema: Quais relações entre a cultura e a devoção são perceptíveis nos trajes de festa do Mestre João Farias, de Montes Claros, MG?

O universo da pesquisa consiste num estudo descritivo dos trajes de festa utilizados pelo Mestre de Catopês João Farias, a partir de uma análise visual dos trajes e de imagens, buscando compreender suas características, relacionando-as com a festa e investigando as possíveis influências culturais, especialmente relacionadas à devoção religiosa. Nosso objetivo é investigar como os trajes são confeccionados e costurados, se há algum ritual associado ao processo de confecção antes de eles serem usados, se os tecidos e adereços são novos ou reutilizados e quais tipos de tecidos, cores, bordados e outros detalhes são utilizados nas vestimentas.

Entendemos como “devoção” o fato de pessoas rezarem com muita fé e entusiasmo para um determinado santo, pedindo uma graça, fazendo promessas e acreditando que serão atendidas. Se a graça for alcançada, o dever do devoto será pagar a promessa com o santo, caso contrário, alguns fiéis acreditam que sofrerão punições. É como se fosse um acordo, em que cada um deverá cumprir a sua parte. Pereira (2003, p. 68) aponta que “a devoção nasce da crença em determinados poderes sobrenaturais que o santo de devoção possa ter, frequentemente um acontecimento extraordinário, milagre ou algo do gênero que ocorreu ou que se ouviu dizer que tenha ocorrido.” Assim, acreditamos que a devoção dos fiéis seja um ponto importante na cultura montes-clarense.

Nesta investigação, o ponto de sustentação serão os estudos que englobam a cultura popular/religiosa e indumentária. A pesquisa é qualitativa, porque acreditamos ser esta uma poderosa fonte de análise contextual, em que os dados são coletados a partir de uma realidade social. Estudos desenvolvidos sob essa perspectiva podem nos mostrar como e por que as coisas acontecem. De acordo com Gray (2012, p.137), “os estudos qualitativos podem ser utilizados em circunstâncias em que se conheça relativamente sobre um fenômeno ou ainda pode propiciar novas investigações.”

Como método inicial e para melhor entendimento deste estudo, fomos a campo à procura dos primeiros registros sobre as Festas de Agosto³ e sobre o grupo de Catopês, do qual o Mestre João Farias faz parte. Nesta investigação, foram utilizados alguns recursos, como pesquisa bibliográfica/documental, reportagens em jornais e fotografias. Consultamos alguns jornais de Montes Claros, especificamente os mais antigos, porque continham as primeiras informações das Festas de Agosto e dos grupos de Congado. Encontramos nas reportagens dos jornais Correio do Norte, de 1884, e Montes Claros, de 1916 e 1917, informações de que as Festas de Agosto representam um festejo antigo. Consultamos, também, jornais da Secretaria de Cultura distribuídos em 1998, 2001 e 2003, que focalizam as Festas, além de folders com a programação dos anos de 2009, 2010, 2012 e 2013. O livro “Montes Claros, sua gente e seus costumes”, de Hermes Augusto de Paula (1979), reforça muitas informações, já que conta a história de Montes Claros e o surgimento das festas e dos grupos. Em muitos momentos da pesquisa, não desprezamos os relatos orais de pessoas conhecedoras dos grupos de Montes Claros.

Estivemos no setor de Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura, em Montes Claros, no dia 24 de setembro de 2013, à procura de documentos mais antigos a respeito da festa. Encontramos jornais que a própria Secretaria distribuiu no período das festas, referentes aos anos de 1998, 2001 e 2003. Observamos que a maioria das informações foi extraída do livro do médico e historiador Hermes de Paula (1979).

³ É uma festa religiosa e popular. De acordo com Queiroz (2005), a festa de agosto se consolidou a partir da junção de três festejos religiosos: Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Divino Espírito Santo.

Nas imagens dos grupos, apresentadas no jornal da Secretaria Municipal de Cultura, de 1998, não foram identificadas mudanças expressivas na indumentária das festas ocorridas em 2013, ou seja, parece haver certa permanência do discurso sobre as Festas. A historiadora Raquel Veloso Mendonça, que trabalha no setor de arquivos públicos do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura, da Prefeitura de Montes Claros, disponibilizou as pastas com os recortes de jornais da Secretaria e de outros jornais que circulam na cidade. Ela nos informou que algumas pastas e registros perderam-se com o tempo.

Wandaick Santos, do setor de marketing da referida secretaria, é responsável por boa parte da criação de folders, material que é distribuído para o público antes das Festas. Ele nos informou que a criação de um folder datado de 1978 fora uma iniciativa sua, do Secretário Municipal de Cultura à época, Hamilton Trindade e do Mestre Zanza⁴. Preocupada com a continuidade das Festas, a Secretaria elaborou esse material no intuito de divulgá-las e de preservar sua história. A ideia de preservação e proteção parece ser a preocupação da historiadora Raquel, que nos relatou e apresentou a minuta do documento (em andamento) que pretende enviar ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), solicitando o registro⁵ das Festas de Agosto como um “patrimônio cultural imaterial da União.”

⁴ João Pimenta dos Santos, o Mestre Zanza, como é mais conhecido, é o mais velho dos três Mestres de Catopês, tendo herdado do avô e do pai a tradição de brincar Catopê. Além de liderar seu grupo, cujos membros são devotos de Nossa Senhora do Rosário, ele é também o presidente da Associação dos grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos de Montes Claros (MG). O Mestre Zanza é muito respeitado e prestigiado nas Festas de Agosto.

⁵ O Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, instituído pelo Decreto nº 3551/2000, é um instrumento legal de preservação, reconhecimento e valorização do patrimônio cultural imaterial brasileiro, composto por aqueles bens que contribuíram para a formação da sociedade brasileira. Com o Registro, os bens recebem o título de Patrimônio Cultural do Brasil e são inscritos em um dos quatro Livros de Registro, de acordo com a categoria correspondente” (IPHAN, 2014).



FIGURA 1 – Mestre Zanza. Herdou do avô e do pai a tradição de brincar Catopê.
Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2013).

No dia 24 de setembro de 2013, conversando com funcionários da Secretaria Municipal de Cultura, soubemos que a Universidade Estadual de Montes Claros/UNIMONTES estaria interessada em criar o Museu Regional do Norte de Minas, no intuito de preservar a história da cidade e da região nortemineira. Esse referido museu foi inaugurado em 30 de setembro de 2014.

Nesse mesmo dia, aproveitamos para visitar o Centro Cultural Hermes de Paula⁶, localizado próximo à Secretaria Municipal de Cultura. Procuramos registros sobre as Festas em documentos e encontramos apenas o já citado livro de Hermes de Paula (1957, 1979), além de uma revista intitulada “Cadernos de Agosto” (2003), cujo conteúdo abrange artigos referentes às Festas.

Hermes Augusto de Paula, em seu livro “Montes Claros sua história, sua gente e seus costumes” (1979) aborda muitas histórias da cidade e, quando fala de festas, faz referências às Festas de Agosto e aos grupos de congado. Nessa obra, o autor descreve as características dos grupos e suas vestimentas. A respeito dos trajes dos Catopês, ele apresentou a seguinte caracterização: “A vestimenta uniforme é simples: calça, paletó e camisa branca ou clara” (PAULA, 1979, p. 139). Não localizamos outras publicações semelhantes à de Paula (1979) que tenham se ocupado das Festas de Agosto. Durante as investigações, as fontes pesquisadas revelaram que Hermes Augusto de Paula foi o primeiro autor de Montes Claros que se interessou em contar a história da cidade. A partir dele é que, aos poucos, foram surgindo trabalhos acadêmicos que abordavam as Festas de Agosto e o Congado de Montes Claros.

Paula (1979, p. 138) relata que a data mais antiga que se tinha notícias sobre as festas em Montes Claros foi em 23 de maio de 1839, “quando Marcelino Alves pediu licença para tirar esmolas para as festas de Nossa Senhora do Rosário e Divino Espírito Santo que pretendia fazer naquela freguesia.” Na atualidade, tem aumentado o número de pesquisas que abordam a cultura regional/local em diversas áreas, como Artes Visuais, Música, Teatro, Dança, História e outras. A título de exemplificação, podemos citar Queiroz (2005), que discutiu a performance musical nos ternos de Catopês; Mendes (2006), cujo estudo tratou da música e religiosidade na caracterização identitária do terno de Catopês; Malveira (2011), que investigou elementos de ancestralidade negra presentes nas práticas espetaculares dos Catopês; e Freitas (2010), que tratou das relações entre imagem, cultura e

⁶ No Centro Cultural Hermes de Paula, há exposições regulares de artes, eventos de música, além de um teatro e uma biblioteca.

etnografia e suas possibilidades e contribuições para o ensino das Artes Visuais.

No intuito de coletar mais informações para compreender a história dos trajes de festa, fomos ao Centro de Pesquisa e Documentação Regional de Montes Claros (CEPEDOR)⁷, onde consultamos jornais de 1884, 1916 e 1917. Os jornais estão catalogados em pastas e faltam algumas edições. As edições do jornal Correio do Norte, de 17 e 23 de agosto de 1884, informam sobre as festas de “costume”, termo empregado à época para designar as Festas de Agosto. Para Freyre (2006, p. 38), o termo “costume” foi utilizado em vários momentos, por exemplo, para dizer que as pessoas da casa-grande tinham “o costume de enterrarem os mortos dentro de casa, na capela, que era uma puxada da casa.”

Pelas informações coletadas, nos festejos de agosto, as antigas comunidades já prestavam homenagens aos santos de devoção com missa e procissão. Na edição do jornal Correio do Norte, do dia 17 de agosto de 1884, o redator teceu elogios aos juízes e festeiros que se empenharam em consertar a capela onde a missa era celebrada e que se encontrava em uma situação lastimável de conservação. Assim, todos desfrutariam de um lugar mais adequado para o culto divino. A referida capela ficava nos fundos da atual Igreja Matriz de Nossa Senhora e São José, situada na praça Doutor Chaves, no centro da cidade. Na Figura 2, vê-se a Igreja:

⁷ O Centro de Pesquisa e Documentação Regional é um setor vinculado à Diretoria de Documentação e Informações (DDI), da Unimontes, e tem como objetivo resgatar, organizar, preservar e recuperar a documentação institucional e regional da cidade. Destina-se, ainda, a apoiar as atividades de ensino e pesquisa em nível de graduação e pós-graduação, atendendo a pesquisadores da Universidade, de outras instituições, escolas e ao público interessado em geral. Endereço: Rua Ângelo de Quadros, 1057, fone: (38)3229--8595. Bairro São José – Montes Claros/MG. E-mail: cepedor@unimontes.br.



FIGURA 2 – Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e São José.
Fotografia: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2014).

A leitura do Jornal Montes Claros, de 17 de agosto 1916, foi difícil devido ao seu estado de conservação, ao desgaste do papel e à ausência de imagens, mas há referências às Festas de Agosto, seus reinados e os grupos de Catopés e Marujos, como indica este trecho: “em agosto, as festas e reinados, onde sobressaem os catopês⁸ e as marujadas, com seus cânticos próprios e numa linguagem também própria” (JORNAL MONTES CLAROS, 1916, p. 3).

No Jornal Montes Claros, de 23 de agosto de 1917, há referências aos dias dos santos homenageados, como Nossa Senhora do Rosário, homenageada no dia 16, “constando os mesmos de missa e procissão solene, procedidos dos reinados grandemente concorridos e abrilhantados pelos Catopés e Marujadas” (1917,p. 3). São Benedito foi homenageado no dia 17; e

⁸ Segundo Mendes (2006, p. 34) “Catopés ou Catupés são algumas das variantes sinônimas de Catopê.”

no dia 18, o Divino Espírito Santo. Esse mesmo Jornal citou: “Houve, nesse dia, comparecendo à missa e à procissão, a nota alegre (ao menos para a meninada) dos diversos ternos de catopês e marujada” (p.3). A partir da leitura das reportagens dos jornais⁹, notamos que, em relação à atualidade, foram mantidas praticamente as mesmas estruturas que as daquela época, com as missas, procissões, reinados, festeiros e desfiles dos Catopês e Marujada.



Terno de Nossa Senhora do Rosário - 1973

FIGURA 3 – Catopês.

Fonte: Acervo da Secretaria Municipal de Cultura de Montes Claros.

A foto da Figura 3 está em preto e branco e não possui qualidade boa o suficiente para que possamos perceber os detalhes nitidamente, mas é possível constatar que as roupas dos Catopês poderiam ser brancas ou no tom

⁹ Em consulta aos dois jornais Correio do Norte, de 1884, não aparecem o nome do autor da reportagem sobre a Festa de Agosto e os grupos de Congado. Identificamos o nome do proprietário, Antônio Augusto Velloso, e do editor, Antônio Pereira dos Anjos. O mesmo ocorreu com os jornais de Montes Claros de 1916 e 1917, nos quais não há identificação do autor da reportagem sobre as Festas de Agosto. Foi encontrado somente o nome do redator e proprietário PHARM, A. Ferreira de Oliveira.

próximo do creme, conforme informações obtidas na Secretaria Municipal de Cultura. É possível perceber, também, que os Catopês usam um capacete com fitas. O mestre do grupo pode ser reconhecido pelas faixas diagonais e pelo capacete cheio de penas. As crianças poderiam estar participando dos reinados ou sendo brincantes de Catopê. É possível notar que alguns participantes seguram um instrumento parecido com um pandeiro.

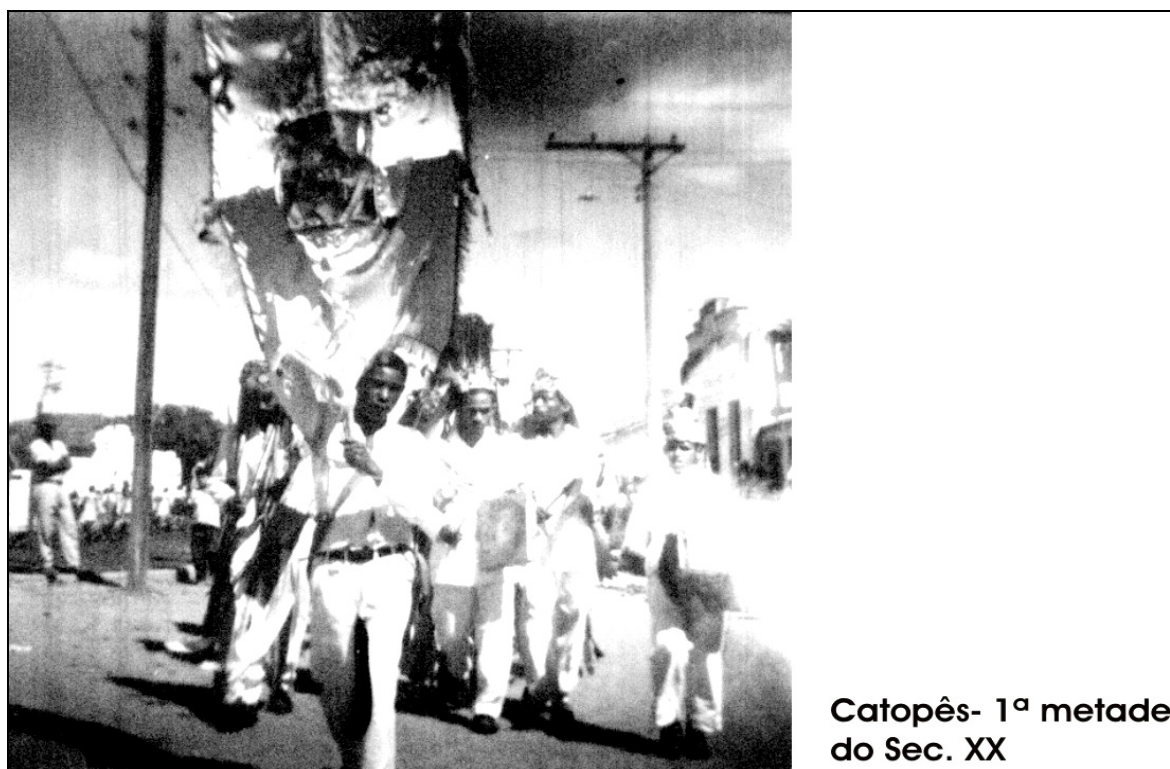


FIGURA 4 – Catopês.

Fonte: Secretaria Municipal de Cultura de Montes Claros.

A Figura 4 mostra um Catopê carregando o estandarte de um (a) santo(a). Supomos que tanto ele como os demais componentes estão usando camisas e calças brancas e um capacete com penas e fitas, e que eles estão tocando instrumentos.

Mesmo que as imagens não estejam com boa qualidade, percebemos que as vestimentas básicas dos Catopês são as mesmas. Não foi possível identificar se eles já usavam o modelo de jaqueta atual ou somente uma camisa.



FIGURA 5 – Catopês. Terno de Nossa Senhora do Rosário do Mestre Zanza.

Fonte: Acervo particular. Fotografia: Heloisa Dumont (2011).

Os Catopês usam como base a roupa branca. Ao contrário do Mestre João, o Mestre Zanza gosta de usar uma camisa de cetim vermelha, azul ou rosa. Alguns instrumentistas também usam uma camisa colorida, assim como o porta-bandeira, que usa uma vestimenta com mais enfeites. Além das camisas, alguns componentes que tocam um instrumento ou carregam o estandarte não usam capacetes, mas, sim, um chapéu todo enfeitado de pedrarias, com a aba quebrada (dobrada) na testa. Geralmente, quem usa as faixas diagonais bordadas são os Mestres e os participantes posicionados no início da fila.



FIGURA 6 – Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Crianças desfilando.
 Fonte: Acervo particular. Fotografia Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2013).

Como se vê na Figura 6, no cortejo de Nossa Senhora do Rosário, os vestidos das meninas são de tons variados de azul, longos, com babados, saias amplas, mangas bufantes, alça, etc. Para completar o figurino, elas usam luvas, leques, pequenas bolsas e uma sombrinha. Todos os adereços são em tons de azul e branco. Observando a Figura 7, notamos que homens e mulheres vestiam trajes de maneira requintada. As mulheres da imagem usam vestidos longos, provavelmente de seda, com tecido de renda sobrepondo à peça principal. As mangas do vestido são curtas e o decote redondo. Os homens trajam paletós nas cores azul, marrom e preto. A calça vai até o joelho e, para completar a indumentaria, usam meias brancas, sapatos e peruca. A indumentária dos reinados lembram os personagens do Brasil Colonial, porque simbolicamente há uma coroação de um rei e uma rainha. Assim, as crianças tentam representar, através das indumentárias, a corte, onde as mulheres e os homens se vestiam de acordo com seu *status* social e poder econômico. De acordo com Queiroz (2005, p. 60-61), “rei, rainha, imperador e imperatriz são escolhidos (as) através de sorteios, quando suas famílias se inscrevem como festeiros e patrocinadores da festa. Princesas, príncipes,

damas e pajens são apenas inscritos.” As inscrições são realizadas na Associação de Catopês, Marujos e Caboclinhos de Montes Claros.



FIGURA 7 – Família Real do Período Brasil Colônia (1841-1891).
Fonte: FC NOTÍCIAS (2014).



FIGURA 8 – Reinado de São Benedito.
Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2013).

A Figura 8 destaca as meninas preparando-se para o desfile do Reinado de São Benedito. Os modelos dos vestidos são variados, sendo que a maioria é de comprimento longo, em diversas tonalidades de rosa. Na imagem, as meninas estão usando vestidos no modelo tomara-que-caia e com mangas. Como complemento, elas usam luvas, leques ou sombrinhas, além de enfeitarem os cabelos com arcos de flores ou pedrarias. Os meninos usam calça branca e blusa rosa, com enfeites nos ombros, punhos e barrados da blusa. Na cabeça, eles usam uma espécie de boina na cor rosa.



FIGURA 9 – Reinado do Divino Espírito Santo. Crianças desfilam como príncipes, pajens, damas e princesas.

Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2013).

No cortejo do Império do Divino, o vermelho é destaque na indumentária, juntamente com os detalhes em branco. Na Figura 9, o menino usa uma blusa vermelha de mangas compridas e gola branca, calça com elástico na altura do joelho, meias brancas e sapato. Na cabeça, usa uma boina dourada, que parece ser do mesmo tecido da calça. A pequena dama ou princesa usa um vestido vermelho de saia godê bordada e manga bufante de

renda vermelha na altura do cotovelo. Ela carrega uma pequena bolsa e traz em sua cabeça uma tiara.

Não encontramos imagens antigas dos reinados, mas é possível dizer que a indumentária do passado fosse mais simples do que a da atualidade. Percebemos, no capricho dos trajes, o empenho dos pais e o gasto deles para fazerem com que seu/sua filho/filha desfile o mais arrumado (a) possível, caracterizando-se de rei, rainha, imperador, imperatriz, damas e pajens.



FIGURA 10 – Caboclinhos.

Fonte: Acervo da Secretaria Municipal de Cultura de Montes Claros. Fotografia sem data.

A Figura 10 ilustra uma apresentação de Caboclinhos. O homem no primeiro plano segura uma bandeira. Ele usa uma camisa branca de mangas compridas, gravata e um cinto. Pelo brilho, deduzimos que a calça seja de cetim, cujo comprimento vai até o joelho. É possível que a parte branca depois do joelho, seja o acabamento da calça. Ele usa sapatos escuros e um quepe

(ou boné) na cabeça. Na frente do violinista, aparece um rapaz segurando um estandarte. Notamos que ele possui enfeites e adereços de pena presos em seu pescoço, tornozelo, no saiote e numa espécie de beca. Não é possível ver os demais componentes.



FIGURA 11 – Caboclinhos na Praça Dr. Chaves.

Fonte: Acervo da Secretaria Municipal de Cultura de Montes Claros.

Na Figura 11, é possível identificar os Caboclinhos pelo saiote, pela uma beca e pelo cocar, todos confeccionados com enfeites e adereços de penas, e uma provável flecha de madeira na mão. A imagem está bem confusa, mas é possível ver algumas pessoas segurando estandartes ou bandeiras. Com base em Paula (1979), pode-se dizer que esses Caboclinhos são todos do sexo masculino, e, talvez, seja por isso que eles não estejam usando camisetas, pois podiam ficar com o peito nu, como os primeiros indígenas, diferentemente dos Caboclinhos atuais, que, em sua maioria, são

mulheres. É provável que, por causa disso, tenha ocorrido a mudança para a atual indumentária.



FIGURA 12 – Caboclinhos organizando-se para o desfile.

Fonte: Acervo particular. Fotografia: Heloisa Dumont (2011).

A Figura 12 mostra as Caboclinhas com uma camiseta vermelha, na qual se inscreve com letras brancas o termo “Caboclinho”. Além disso, usam um saíote de penas coloridas, uma beca de penas no pescoço, um cocar também de penas na cabeça, rosto pintado e uma flecha de madeira nas mãos.



FIGURA 13 – Marujos durante os desfiles.

Fonte: Acervo particular. Fotografia: Heloisa Dumont (2011).

Nos arquivos da Secretaria Municipal de Cultura, não identificamos nenhuma fotografia antiga dos Marujos, mas, em boa parte das fontes pesquisadas, parece não haver nenhuma mudança na indumentária deles. O primeiro grupo sempre usou o tom branco e azul, além do branco e vermelho. O tecido sempre foi o cetim. O chapéu é enfeitado, com a aba quebrada (dobrada) na testa, a blusa e a capa têm acabamento em renda.

Infelizmente, os jornais pesquisados não possuem imagens para fazermos uma comparação mais consistente dos festejos e dos grupos. Não vimos nesses jornais mais antigos nenhuma referência ao grupo de Caboclinhos. Como não descobrimos uma razão para isso, e considerando que os Caboclinhos são tão importantes quanto os demais grupos, fomos buscar mais informações. Encontramos referências em Paula (1957, p. 612), que esclarece:

Há mais de cem anos que nos dias 16, 17 e 18 de agosto se realizam em Montes Claros festas religiosas em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Divino Espírito

Santo, respectivamente. Além das práticas puramente religiosas, tais como missas, bênçãos e levantamento de mastros, realizam-se também marujadas, cabocladas ou caboclinhos, catopês ou dançantes.

No Jornal da Secretaria Municipal de Cultura (1998, p. 3), encontramos a seguinte informação a respeito dos Caboclinhos: “Trata-se de uma folgança popular de reminiscência indígena das mais antigas do Brasil, provavelmente implantada juntamente com a marujada, pelo Padre Nóbrega, no tempo dos primeiros governadores gerais.”

As informações encontradas revelam-nos que, como os demais grupos, os Caboclinhos fazem parte das Festas de Agosto há muito tempo, por isso eles deveriam ser mencionados nesses jornais mais antigos. O fato de a reportagem citar somente os Catopês e a Marujada acabou levantando-nos a hipótese de que os Caboclinhos não participaram dos desfiles divulgados pelos jornais. Na falta de mais informações, restam a dúvida e a necessidade de explorar essa questão mais demoradamente.

O grupo já foi citado em alguns trabalhos de pesquisa, como em Queiroz (2005) e Mendes (2006), sendo, inclusive, objeto de estudo de Abreu (2010, p. 4), que assim descreveu os Caboclinhos:

Apresentam-se com indumentária de motivos indígenas, arco e flecha (que serve também para marcar a pulsação em alguns cantos). Utilizam de texto falado, cantado e gestualizado, encenam na rua ou dentro da igreja, o que nomeiam de “A morte da Mamãe Vovó”. Na encenação são envolvidos os personagens com máscaras: Mamãe Vovó (atualmente uma mulher) e Papai Vovô (um homem).

Como único terno, diferencia-se dos demais pela participação maior de mulheres, pelo colorido das vestimentas, pelo cocar de penas e pela dramatização, que, há algum tempo, deixou de ser apresentada. De acordo com Paula (1979, p. 169), “a trança do Cipó precisa de um ensaio mais demorado, ela se constitui de quatro atos independentes: Arapuca, Quejeme, Tango e Banguê. Os personagens, além dos Caboclinhos, são o Papai-vovô, Mamãe-vovó, Caciconá e Caciquinho”. Paula (1979, p. 169-171) explica como acontecia a “trança do Cipó”:

Arapuca – À ordem da Cacicona, os Caboclinhos iniciam a dança, trançando o cipó e dando forma à arapuca, na qual o Caciquinho é preso.

Quejeme (sic) – (casa-rancho) depois da dança, fica formado um corredor, cujos lados são constituídos pelos Caboclinhos e o teto pela trança do cipó.

Ainda sob as ordens da Cacicona, o Caciquinho fala com Papai-vovô para entrar no quejeme com Mamãe-vovó. Nisso, a trança do cipó despenca em cima dos velhos, mas Papai-vovó salta de lado, deixando Mamãe-vovó presa.

Isso é motivo de muita piada e cantoria:

Quem matou papai-vovô – (bis)
 Foi um grande matador – (bis)
 Quem matou mamãe-vovó – (bis)
 Foi a trança do cipó – (bis)

Repetem muitas vezes isso e terminam o ato soltando Mamãe-vovó. O tango acontece nos intervalos de duas quadras, e o banguê consiste em formar uma cruz com os cipós trançados enquanto dançam.



FIGURA 14 – Trança do Cipó – Mamãe-vovó dentro do “quejeme”.
 Fonte: Acervo particular. Fotografia: Ângela Martins Ferreira (2008).



FIGURA 15 – Trança do Cipó. Mamãe-vovô presa na armadilha. Foi usado fio elétrico para simular o cipó.

Fonte: Acervo particular. Fotografia: Ângela Martins Ferreira (2008).

Em seu estudo sobre os Caboclinhos, Abreu (2010, p. 5) descreve outro final para a Mamãe-vovó:

Mamãe Vovó cai na armadilha e morre de tristeza. Logo após canto de louvor ao Divino, ela num ato de ressuscitamento levanta e dança enquanto todo o grupo também bailando em passos rasteiros canta: “Viva o Divino meu santim, querido é os seus milagres que tem nos valido.”

De acordo com Colares (2006, p. 65), seu Joaquim Poló¹⁰ dissera que a parte dramatizada foi abolida porque “as pessoas reclamavam que as apresentações demoravam muito e atrapalhavam o decorrer da festa como um todo.” Como os desfiles acontecem também pela manhã, com o sol muito quente e a demora para o cortejo começar, é comum o público reclamar.

A partir de consultas a diversas fontes, como a Revista Tempo (2012; 2013), Revista Pequi Magazine (2009), Revista Encontro Montes Claros (2007), Atlas Geográfico de Montes Claros (2011), Jornal U@i Notícias (2012), Jornal Montes Claros (1916; 1917), Jornal da Secretaria Municipal de Cultura

¹⁰ Conforme Queiroz (2005), o Mestre Joaquim Poló comandava o grupo de Caboclinhos.

de Montes Claros (1998; 2001; 2003), Jornal Correio do Norte (1884) e o livro “Montes Claros, sua história, sua gente, seus costumes”, de Paula (1979), verificamos que os festejos de agosto são manifestações antigas, mas que, infelizmente, os órgãos públicos não se preocuparam em preservar registros sobre eles, o que pode ser um indicativo da predileção da salvaguarda de documentos oficiais, normalmente textuais, da sociedade. Esperamos que o Centro de Pesquisa e Documentação Regional da Unimontes consiga angariar outras informações e documentos, inclusive visuais, para disponibilizar ao público interessado, e que a Prefeitura e a Secretaria Municipal de Cultura promovam estratégias para a coleta de documentos relativos à história de Montes Claros. Há muitas lacunas que dificilmente serão respondidas por falta de preservação de documentos.

Procurando por outras pistas, voltamos à Secretaria Municipal de Cultura, no setor de Patrimônio Histórico. Conversando com a Raquel Veloso Mendonça a respeito das festas, indagamos sobre a influência da Prefeitura em relação aos grupos. Ela nos informou que há uma relação próxima entre a Prefeitura e os grupos organizadores das festas, que acatam suas sugestões, mas todas as decisões são dos integrantes dos grupos na Associação dos Catopês, Marujos e Caboclinhos.

Assim, além da contribuição da Prefeitura para a compra dos tecidos para a confecção das vestimentas no período festivo, não notamos nenhum outro tratamento especial direcionado à indumentária. Nos locais pesquisados, os trajes de festa parecem ter a mesma importância que qualquer outro adereço. Quanto aos patrimônios, existem pessoas que lutam para registrar as Festas de Agosto da mesma forma que tentam proteger os patrimônios históricos, constituídos, em sua maioria, por belos casarões no centro da cidade.



FIGURA 16 – Sobrado Teles de Menezes. Situado na Rua Justino Câmara, nº 93, no centro de Montes Claros.

Fonte: Gazeta Norte Mineira (2014).

De acordo com o jornal Gazeta Norte Mineira (2014),

[...] no caso do Sobrado dos Teles de Menezes, onde a situação é mais grave, o Corpo de Bombeiro realizou, em 06 de fevereiro de 2013, uma vistoria para avaliar a situação do edifício, e constatou situação de risco iminente com a necessidade de obras emergenciais, principalmente para sustentação do sobrado. Uma vistoria realizada pela defesa civil ratificou a situação de precariedade do prédio (GAZETA NORTE MINEIRA, 2014).

O que constatamos é que, apesar de existirem documentos que, em tese, protegeriam os patrimônios, há uma enorme divergência entre o que está escrito e o que acontece na prática. No blog Artefatos, Mendonça (2013) mostra seu desapontamento:

Como em todo primeiro ano de novo mandato, estamos assistindo, pasmos, estupefatos, desde o início de 2013, à demolição atrás de demolição de prédios de grande beleza e importância histórica ou cultural para a cidade, embora não tombados pelo município, mas alguns deles inventariados dentro do extenso IPAC-MONTES CLAROS – 1º Inventário de Proteção do Acervo Cultural de Montes Claros, realizado na cidade, com nosso apoio, em 1985, por equipes do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais - IEPHA/MG, nas áreas de história, arquitetura, bens móveis,

arte aplicada, espeleologia e arqueologia ou dentro do próprio Inventário Municipal, que corresponde a prévio tombamento, o que, em tese, impede descaracterizações ou demolição!

Como se vê, Mendonça (2013) espera alguma mudança significativa com a reativação do antigo Conselho Municipal do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural de Montes Claros (COMPHAC), que, seguindo orientação do IEPHA/MG, nomeia-se, agora, Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Montes Claros (COMPAC). Essa questão vem sendo seriamente discutida em várias reuniões com entidades representativas da sociedade civil organizada, como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), o Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (CREA), a Associação Comercial e Industrial (ACI), o Corpo de Bombeiros, etc.

A Prefeitura e a Secretaria Municipal de Cultura promovem outros eventos que ocorrem no mesmo período das Festas, como o Festival Folclórico de Montes Claros. Esses órgãos, juntamente com a associação dos grupos, são os responsáveis por toda a organização das Festas de Agosto.

O Mestre de Catopês e os Mestres de outros grupos são vistos como as figuras mais importantes na organização e transmissão de saberes entre os demais componentes. Quando se refere ao Mestre de folias, Brandão (2010, p. 48) destaca que “o mestre é um professor rústico, um especialista religioso sobre quem recai a tarefa de compor um grupo de artistas-devotos, transferindo a todos seu saber.” Nesse sentido, a escolha do Mestre de Catopês fez toda a diferença para investigarmos o universo da festa da qual faz parte e os trajes utilizados por ele. Identificada a importância do Mestre e, após todo o percurso que empreendemos à procura de dados e outras informações, fizemos nosso primeiro contato com o Mestre João, no dia 15 de julho de 2013, a fim de uma apresentação inicial como pesquisadora.

O Mestre João

Nascido em 15 de junho de 1943, João Batista Farias, popularmente conhecido como Mestre João (Figura 17), lidera o 2º terno (ou grupo) de Catopês de Nossa Senhora do Rosário. Ainda criança, aos oito anos de idade, influenciado pelo pai, começou a participar dos festejos e, atualmente, já como

Mestre, comanda um grupo composto por cerca de 50 integrantes. Com possíveis desistências, a quantidade de componentes pode variar de um ano para o outro. Ao relatar como ocorre a entrada de pessoas no grupo do Mestre João Farias, Mendes (2006, p.45) revelou que:

[...] a inserção no grupo não requer idade como requisito e nem comprovação de experiência com os instrumentos, mas passa pela autorização do Mestre, após uma espécie de leitura de alma. Não tem perguntas, nem teste algum, mas ele parece saber se o candidato quer de verdade pertencer ao grupo.

A leitura de alma só é possível diante da sabedoria e sensibilidade de uma pessoa, como o Mestre João Farias. Por meio do olhar apurado pela experiência, consegue perceber o interesse e a disponibilidade do candidato a futuro catopê. Diferente do grupo do mestre Expedito, no grupo do Mestre João não há participação de mulheres.



FIGURA 17 – Mestre João. Vestido com seu traje branco, o capacete enfeitado com pérolas, penas de pavão e belas fitas coloridas. Depois do desfile, ele aguarda os outros grupos para a missa daquele dia.

Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2013).

Apresentamos ao Mestre João nossa proposta de trabalho e solicitamos sua permissão para ele nos conceder o privilégio de conhecê-lo, bem como o grupo que ele lidera e o nosso objeto de pesquisa: os trajes de

festa vestidos por ele durante as Festas de Agosto. Pedimos permissão para fotografar a ele e a seu grupo durante o desfile nas ruas.

Em 2013, já com o olhar investigativo um pouco mais apurado pela experiência do processo de pesquisa e pelas discussões com professores, orientadora e colegas do Programa de Pós-graduação, acompanhamos mais de perto os rituais das Festas, desde a última visita até a entrega das bandeiras para o ano seguinte, uma prática comum e antiga confirmada na entrevista com o Mestre João Farias, realizada em 04 de abril de 2014.

As etapas seguintes deste estudo serão constituídas de discussão a respeito de suportes teóricos, organização de dados que foram coletados, observados e consultados, transcrições de entrevistas com o Mestre João Farias e seu alfaiate, registro fotográfico dos trajes e, principalmente, análise dos trajes de festa usados por ele.

Como instrumento metodológico, a entrevista foi de grande importância para atingirmos os objetivos esperados, possibilitando, assim, responder à seguinte questão de pesquisa: Quais relações entre a cultura e a devoção são perceptíveis nos trajes de festa do Mestre João Farias, de Montes Claros, MG?

Entrevistas têm sido utilizadas nas ciências sociais como meio legítimo que pode trazer à luz informações não encontradas em outros tipos de fontes de pesquisa, além de ser possível ao entrevistador e entrevistado partilhar experiências em várias áreas do conhecimento e da vida. Gil (1995, p. 113) considera a:

[...] entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao entrevistado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção de dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social

Assim, como procedimento de interação, a entrevista viabiliza o contato do pesquisador com o pesquisado dentro de uma mesma realidade social. De acordo com Bauer e Gaskell (2004), a entrevista qualitativa fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. Para os autores, “o objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações em

relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos” (BAUER; GASKELL, 2004, p. 65). Portanto, é no ambiente natural que encontraremos a fonte de dados que alimentará o nosso processo de investigação. Nessa abordagem, os resultados obtidos deverão ser menos significativos que o processo.

Creswell (2010, p.26) acredita que, ao optarem pela pesquisa qualitativa, os pesquisadores “encaram um estilo indutivo, um foco no significado individual e na importância da interpretação da complexidade de uma situação.” Assim, o autor aponta a pesquisa qualitativa como

[...] um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano. O processo de pesquisa envolve as questões e os procedimentos que emergem os dados tipicamente coletados no ambiente do participante, a análise dos dados indutivamente construída a partir das particularidades para os temas gerais e as interpretações feitas pelo pesquisador acerca do significado dos dados. O relatório final escrito tem uma estrutura flexível (CRESWELL, 2010, p. 26).

Quando o autor diz que o processo de pesquisa envolve as questões e os procedimentos demandados, como os dados coletados no ambiente, e que as análises são feitas a partir das particularidades propostas pelo pesquisador, fortalece a nossa investigação, visto que, explorando e compreendendo os detalhes presentes nos trajes do mestre, numa interlocução direta com ele, estaremos analisando, de modo sensível, os significados neles implícitos. Tendo em vista que o problema de pesquisa deste estudo é a análise dos trajes de festa do Mestre João Farias, consideramos a escolha desse procedimento o mais adequado para este estudo.

No intuito de compreendermos melhor a origem das Festas de Agosto, usaremos como suporte teórico os estudos do historiador Hermes de Paula (1979), que escreveu sobre a história de Montes Claros, tornando possível encontrar referências mais antigas a respeito das Festas e dos grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos. Ao tecer nossa argumentação, dialogaremos principalmente com Brandão (2010), que trata de festas e religiosidades populares; recorreremos às contribuições importantes de Gonçalves (1996) Silva (2010), que discorrem sobre textos etnográficos de

cultos religiosos afro-brasileiros; Geertz (2011), que discute sobre a interpretação de culturas; Hall (2011), que aborda a cultura e a identidade; e Canclini (2003), por sua reconhecida contribuição a respeito de hibridação cultural nos países latino-americanos.

Este estudo está dividido em quatro partes. No primeiro capítulo, são apresentados os autores que abordam em seus estudos temas relacionados às festas, a religiosidade, o patrimônio, a escrita etnográfica, a identidade e a hibridação. No segundo capítulo, buscamos contemplar o contexto de algumas festas brasileiras, a partir de autores que tratam dessa temática, para, então, chegarmos às Festas de Agosto de Montes Claros (MG). No terceiro capítulo, estão presentes descrições sobre as diferentes indumentárias usadas em festas religiosas. No quarto capítulo, estão descritos os trajes do Mestre João Farias, as informações coletadas nas entrevistas com ele e o alfaiate, bem como a análise dos trajes. Por fim, são tecidas algumas considerações finais sobre as Festas de Agosto e sobre os trajes usados pelo Mestre João.

1 PERCURSO METODOLÓGICO

Em seu livro “Prece e Folia, Festa e Romaria”, Brandão (2010) descreve um trabalho intenso que fez em alguns estados do Brasil, como Goiás, Minas Gerais e São Paulo, a respeito do catolicismo popular. Escrevendo e fotografando, o autor procurou registrar e investigar a religiosidade popular, tentando compreender a fé das pessoas em Deus e o seu significado. Como as Festas de Agosto de Montes Claros são manifestações de cunho religioso, levaremos em conta alguns aspectos contidos na obra de Brandão (2010) relativos às festas e à religiosidade. Sabemos que algumas festas pesquisadas por ele possuem particularidades que as diferem das Festas analisadas neste estudo, mas que, em certa medida, poderão trazer algumas contribuições. Além do catolicismo popular, o autor retrata as folias, a dança de São Gonçalo, a festa do Divino e a quaresma, mostrando de que forma elas são apresentadas ao público. Para Brandão (2010), a festa permite que as pessoas se transformem, por alguns momentos ou dias, em personagens, como reis e rainhas, saindo, dessa forma, do seu cotidiano, em um encontro coletivo movido pela fé e devoção aos santos homenageados. Reforçando o pensamento de Brandão (2010), a partir da imagem do Mestre com roupas do seu dia-a-dia, como demonstra a Figura 17, queremos mostrar que ocorre uma transformação física e de sentimento no devoto brincante. As roupas cotidianas são aquelas que o mestre usa para sair de casa no intuito de fazer compras, visitar amigos, parentes ou fazer algum serviço. Esses trajes são usados tanto pelos mestres como pelos participantes dos grupos, antes da festa, nos ensaios e nas visitas às famílias dos festeiros.



FIGURA 18 – Mestre com roupa do seu dia-a-dia (noite da última visita realizada à Secretaria de Cultura de Montes Claros).
Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2013).



FIGURA 19 – Mestre João com traje de festa.
Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2014).

No período da festa, a transformação acontece: na figura 18, visualizamos um homem de camisa listrada de mangas curtas, usando uma calça social preta e sapatos. Já na figura 19, vislumbramos o Mestre de Catopês vestido de branco, com uma faixa na cor azul atravessando a jaqueta no sentido diagonal, e com um belo capacete de fitas coloridas. Embora essa transformação seja breve, a fé, a devoção e o sentido religioso são reforçados. O Mestre João valoriza esses momentos, porque acredita que dando o melhor de si, com certeza, estará agradando aos santos homenageados e ao público da festa. A diferença das duas figuras está somente na aparência física, porque, no interior do Mestre João, estão o prazer e o orgulho de ser um Catopê.

Considerando esses e outros aspectos, Gonçalves (1996) nos convida a pensar de que forma ocorre a preservação de manifestações populares que parecem encantar Brandão (2010). Autor do livro “A retórica da perda: os

discursos do patrimônio cultural do Brasil” e de vários artigos que abordam a temática do patrimônio cultural, Gonçalves (1996) traz reflexões que contribuíram de forma significativa para este estudo. Ele discute, por exemplo, a respeito do patrimônio cultural material/imaterial e sua possibilidade de suscitar inúmeros questionamentos. Gonçalves (2005, p. 20) diz que “o patrimônio sempre foi e é material. Por isso nos discursos contemporâneos foi necessário criar categorias do imaterial ou do intangível para outras modalidades de patrimônio que escapariam de uma definição convencional.”

As problemáticas sobre patrimônio são diversas e instigantes, não sendo possível, no presente estudo, um aprofundamento maior sobre o tema. Segundo Gonçalves (1996, p. 14), partindo de pressupostos antropológicos, “os indivíduos, assim como seus propósitos, ações e contextos, são culturalmente moldados.” Nesse sentido, acreditamos que os grupos de Catopês tenham sofrido inúmeras influências quando iniciaram suas manifestações, e que agora sofrem mais ainda com todas as provocações do mundo atual. Como essas manifestações são dinâmicas e não estáticas, as mudanças ocorridas teriam de ser consideradas comuns com o tempo e não provocarem estranhamento. De acordo com os estudos de Gonçalves (2005), os grupos, assim como as Festas de Agosto, poderiam ser consideradas materiais e imateriais, já que elas trazem consigo não apenas objetos concretos, mas toda uma vivência social e cultural incorporada nas vestimentas, desfiles, rezas e músicas. Quanto a mudanças, Canclini (2003) também nos chama atenção no sentido de observarmos não só como hibridismo cultural as inovações trazidas pelos mais jovens em desfiles considerados tradicionais, mas como bens da cultura de massa que chegaram para somar e dar continuidade às manifestações locais. Na edição de 2013 das Festas de Agosto, notamos óculos e tênis coloridos, como se visualiza nas Figuras 20 e 21:



FIGURA 20 – Catopê esperando o momento do desfile. Ele usa calça e camisa branca de Oxford e óculos-escuros. Na cabeça, capacete de penas e fitas coloridas. Nas mãos, ele segura o estandarte de Nossa Senhora do Rosário, como alguns componentes.
Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2013).

A utilização de óculos não é uma prática comum a todos os componentes dos grupos. Esse acessório chama atenção, por terem lentes escuras e, às vezes, espelhadas. Esses elementos ilustram a manifestação de hibridismo cultural, de acordo com os estudos de Canclini (2003), apontando possibilidades de prolongamento das Festas de Agosto com a presença dos jovens que trazem inovações e revigoram tradições culturais que fazem parte de seu cotidiano.



FIGURA 21 – Catopê. Ele usa calça e jaqueta branca de Oxford, chapéu com aba quebrada na testa enfeitado com pedrarias e tênis colorido. Nas mãos, segura o estandarte de Nossa Senhora do Rosário.

Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2013).

Para participar dos desfiles, não é exigido um calçado específico. Dessa forma, notamos que, em alguns grupos, havia componentes usando calçado colorido, principalmente os mais jovens, que demonstravam vaidade e queriam chamar a atenção. Com o traje branco, o tênis colorido se sobressai pela cor. O Mestre João deixou transparecer que não gosta muito dessas novidades no desfile, mas prefere não proibir para não perder um componente que já possui o domínio das rezas, dos cantos e da dança. Impor condições não seria uma estratégia viável, já que alguns participantes desistem por qualquer motivo, e encontrar uma nova pessoa seria mais complicado.

Como nós, o Mestre percebeu que não há como deter as novidades que aparecem no nosso cotidiano. Tirar proveito e incorporá-las às velhas tradições já é um bom começo. Os jovens são atraídos por coisas novas. Assim, os óculos, um par de tênis, um celular moderno sempre serão bem-vindos, sendo que as festas populares não poderiam escapar de todas essas inovações. A esse respeito, Trigueiro (2005, p. 5) destaca que:

[...] são essas práticas do passado que chegam ao presente com as suas diversidades nacionais, regionais e locais, de significados, de referências e de desdobramentos em processos culturais de apropriações e incorporações de novos valores simbólicos que vão construindo outras identidades.

Essas identidades estão em constante movimento e incorporadas não só nas festas religiosas, mas em todo o contexto social em que o sujeito e seus grupos estão inseridos. Segundo Hall (2011, p. 13), “a identidade torna-se uma celebração móvel, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.” Assim, para uma afirmação da identidade, é necessário recorrermos à memória como uma forma de conhecermos o passado através da revitalização contínua de manifestações, como as Festa de Agosto. Conforme Cruz, Menezes e Pinto (2008, p. 13), “os lugares da memória são lugares híbridos, mutantes, enlaçados de vida e morte, onde as manifestações culturais são revividas.” Dessa forma, os festejos ou manifestações culturais possibilitam agregar as experiências do passado às vivências do presente, promovendo, assim, outras e novas interpretações.

Como essas questões permeiam este estudo, as contribuições de Silva (2011) são importantes. No artigo “Crítica antropológica pós-moderna e a construção textual da etnografia religiosa afro-brasileira”, o autor discute questões a respeito do texto etnográfico, do papel do autor, dos recursos utilizados etc., sinalizando que houve uma transformação de público, daqueles que procuram nos textos etnográficos informações que, talvez, desconheçam sobre o culto do qual fazem parte. Assim, o etnógrafo deixaria de ser apenas um pesquisador para ser um informante. Silva (2011) adverte, ainda, que as práticas etnográficas dos cultos afro-brasileiros carecem de uma avaliação séria diante dessa transformação. É nessa questão que compartilhamos com Silva (2011) o nosso receio.

Consideramos que a escrita é a parte mais complexa do trabalho, porque os dados coletados são transformados em texto para complementarem outros registros da pesquisa. Investigar os trajes de festa de um Mestre de um grupo inserido em uma festa religiosa é um desafio, por se tratar de um objeto permeado por significados diversos e intangíveis, principalmente, religiosos.

Em outro texto, intitulado “Observação participante e escrita etnográfica”, Silva (2010, p. 297) evidencia os dilemas encontrados pelos antropólogos para transcrever toda a riqueza observada no campo, “sem perder de vista, os aspectos relevantes de seu conhecimento antropológico, reduzindo de maneira brutal as possibilidades de interpretação da experiência de campo.” Depois de discorrer sobre toda a problemática da escrita etnográfica enfrentada pelos antropólogos e das obrigações impostas aos cientistas, o autor sugere que se pense “a etnografia também como um ofício de ourivesaria, arte de dominar uma linguagem específica a múltiplos reflexos num jogo de sombra e luz, sendo talvez um dos mais difíceis exercícios a desafiar seus praticantes” (SILVA, 2010, p. 304).

As reflexões de Silva (2010) nos fizeram entender que podemos trazer para o corpo do texto possíveis experiências encontradas no campo e que poderão complementar o texto final. No nosso entendimento, como não somos etnógrafas no sentido estrito do termo, teremos uma maior liberdade na escrita. Além disso, relatar as observações percebidas nos trajes será uma experiência interessante para futuros estudos sobre o tema. Na pesquisa de campo, é

importante que o pesquisador tenha em mãos um diário para registrar as informações vistas e ouvidas.

É importante ressaltar que não me considero etnógrafa, que convive um período longo e acaba fazendo parte do cotidiano do outro. Posiciono-me como etnógrafo turista. Assim, como argumenta Santos (2005, p. 9), “a ideia é a de que na pele de turistas cremos partilhar daquela cultura e o ter estado ‘lá’ e tendo que descrever ‘aqui’ marcariam o campo de produção de dados e a escrita da dissertação ou outro tipo de pesquisa.” Na pele de etnógrafa turista, esperamos que a nossa viagem seja muito produtiva e que o nosso olhar investigativo consiga captar a realidade observada.

Na tentativa de compreendermos o universo de signos encontrados em uma festa religiosa, na qual a cultura é bem significativa, achamos importante a forma pela qual a cultura foi interpretada por Geertz (2011, p. 4), segundo o qual “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu.” Como essas teias, geralmente, são construídas pelo homem em suas relações sociais, cabe a nós, como etnógrafos turistas, fazermos uma interpretação dessas teias, a fim de compreendermos seus significados.

Para reforçarmos o entendimento de cultura e identidade cultural, os estudos de Hall (2011) revelam-se muito pertinentes, já que ele aponta uma possível crise de identidade advinda da globalização. Hall (2011) discorre sobre as transformações ocorridas com o sujeito na modernidade e o declínio das velhas identidades, que estabilizaram por muito tempo o mundo social. Conforme Hall (2011, p. 7),

[...] a crise da identidade é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

De acordo com Hall (2011, p. 12), o novo sujeito não teria “uma identidade unificada e estável, mas fragmentada; composta não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas.” De repente, não seria propriamente uma crise de identidade, mas uma mudança necessária para um novo contexto social, afinal, na atualidade, tudo é muito dinâmico, e a identidade cultural, com certeza, seria também afetada.

Enquanto Hall (2011) discute toda a problemática relativa à crise de identidade e à fragmentação, Canclini (2003, p. XIX) aborda a identidade cultural centrada na hibridação. Para esse autor, hibridação refere-se aos “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. O autor traz contribuições importantes para este estudo, no sentido de olharmos o contexto das Festas de Agosto como uma hibridização de culturas. Entre tantos aspectos que são agregados ao termo hibridação, o autor apontou sua importância para algumas pesquisas:

O conceito de hibridação é útil em algumas pesquisas para abranger conjuntamente contatos interculturais que costumam receber nomes diferentes: as fusões raciais ou étnicas denominadas mestiçagem, o sincretismo de crenças e também outras misturas modernas entre o artesanal e o industrial, o culto e o popular, o escrito e o visual nas mensagens mediáticas (CANCLINI, 2003, p. XXVII).

Assim, o termo híbrido (ou hibridação) é um elemento que estará sempre permeando nosso trabalho, principalmente quando a referência for direcionada à globalização. Nesse sentido, cumpre salientar que Hall (2011) e Canclini (2003) divergem em algumas questões a respeito de identidade cultural, mas, quando o assunto refere-se às transformações ocorridas nas sociedades pelo processo de globalização, seus posicionamentos teóricos se aproximam, contribuindo para embasar nossas reflexões.

Neste contexto da globalização, encontramos pesquisas brasileiras que mostram a diversidade das festas católicas e afro-brasileiras. Muitas pessoas gostam e apreciam esses festejos; outras, não gostam ou não dão a mesma importância. Convivendo com as diferenças, ainda somos chamados de festeiros, como veremos a seguir.

2 NA TRILHA DAS FESTAS

2.1 Festas brasileiras

Em virtude do grande número de festas que acontecem em muitas regiões brasileiras, somos considerados um povo alegre e festeiro. O termo “festejar” nos remete perfeitamente ao jeito da maioria dos brasileiros, que parece reservar alguns momentos do cotidiano no intuito de comemorar algo. Uma simples reunião, um casamento, um aniversário ou um batizado transformam-se em festa. O caráter coletivo da festa propicia momentos de interação e alegria, além de experiências enriquecedoras. Brandão (2010, p. 19) sinaliza que “a festa invade a vida e, de repente, parece que tudo é ela – quando há ‘crise’ ou mesmo por causa disso – ou parece que em tudo há uma dimensão que pode ser vivida como festa.” O futebol e o carnaval, às vezes, mostram essa faceta. Nesses eventos, a festa sempre acontece, tornando-se gigantesca, tamanho é o entusiasmo e a alegria das pessoas que participam.

Em relação ao carnaval, a impressão que se tem é de magia, em que todos os elementos plásticos, musicais e cênicos encontram-se na realização de um espetáculo único e muito significativo. Pessoas de diferentes culturas encontram-se e parecem esquecer todos os percalços do cotidiano para se entregarem a um momento único, no qual a alegria parece ser o requisito básico. Como já foi objeto de discussão de vários autores e em diversos contextos, como nos estudos de Cascudo (2002) e Da Matta (1983), o carnaval não será tratado de forma específica neste estudo.

Agregadas ao universo festivo há também outras festas que são tradicionais em algumas regiões, como as festas juninas, a Festa do Divino, a coroação da Rainha do Maracatu (carnaval no nordeste), entre outras. De acordo com Oliveira (2007, p. 23),

[...] as festas populares de forma geral aparentam prazer e desordem; mas contêm uma natureza ritual. Isto é, são demonstrações de fé coletiva. Tanto as procissões do catolicismo popular como a coroação das rainhas do maracatu, passando por reisados, caboclinhos, cirandas e diversas formas

de festas juninas, enfim, todas comprovam que o ato de festejar é um ato de fé.

Em Montes Claros, a fé também se apresenta nos festejos, principalmente no momento de levantar os mastros das bandeiras e durante a missa.

Apesar do aspecto religioso que permeia a maioria das festas populares, Oliveira (2007), ressalta também que tais festividades transformam-se em eventos, que são reduzidos ao consumismo e ficam a mercê do planejamento turístico. De acordo com esse autor, é preciso que haja uma “mudança de mentalidade e práticas dos técnicos do turismo” e que todos se envolvam “na discussão dos caminhos mais adequados para se lidar com as festas populares na cadeia produtiva do turismo.” E complementa:

[...] para justificar a aparente valorização desses festejos, os organizadores teriam que ‘pensar a festa também no seu contexto geográfico, assim poderiam direcionar recursos para melhoria das condições de vida de quem as produz’ (OLIVEIRA, 2007, p. 24).

É possível que essa proposta apresentada por Oliveira (2007) não seja uma preocupação entre os promotores que investem no turismo montes-clarense, haja vista que não percebemos essa tendência de direcionar os recursos para melhorar as condições de vida das pessoas humildes que, de fato, se engajam na realização das Festas de Agosto.

Oliveira (2007, p. 26) discute sobre o sagrado e o profano, ao se referir à Coroação da Rainha do Maracatu (Figura 22) e às quadrilhas juninas (Figura 23): “O maracatu é um folguedo, um cortejo de brincantes que se apresentam às vésperas do ciclo carnavalesco, principalmente para encenar a visita de uma corte africana em terras brasileiras.”



FIGURA 22 – Encenação da Coroação da Rainha do Maracatu (2009).
Fonte: AVOL (2014).

Embora o cortejo do maracatu não se prenda somente ao ciclo carnavalesco em Fortaleza e Recife, é nesse período que ele tem uma maior visibilidade. Assim, as “comunidades negras e mestiças aproveitam com todo seu universo de possibilidades artísticas e rituais” (OLIVEIRA, 2007, p. 26). Na Figura 22, notamos que o maracatu de Fortaleza possui personagens que usam vestimentas bem diferentes das encontradas em Montes Claros. Pesquisando a respeito, poderíamos encontrar semelhanças nas suas representações públicas.

Quanto às quadrilhas, em Montes Claros, existem alguns grupos que dançam no mês de junho, mas, certamente, não se comparam aos festejos de Fortaleza, nos quais as quadrilhas (Figura 23) tomaram uma proporção tão gigantesca que os bairros promovem seus próprios festivais, com cenários e coreografias próprios.



FIGURA 23 – Festival de quadrilhas em Fortaleza. Cada bairro de Fortaleza tem seu próprio festival, com competições entre os grupos de quadrilha.
Fonte: BLOG PORTO FREIRE (2013).

No contexto das festas, encontramos um trabalho de Amaral (1998) intitulado “Festa à Brasileira: significados do festejar, no país que “não é sério”. Nesse trabalho, a autora procurou demonstrar que a festa, como produto turístico, poderia ser vista como revigorante das economias de algumas cidades. Amaral (1998) mostrou-se hábil ao tratar de diversos assuntos, inclusive do jeito de ser e de festejar do povo brasileiro.

Com muitas festas durante o ano, o Brasil, às vezes, passa a ideia de ser um país sem compromisso, o que não é verdade, pois é preciso saber “de que tipo de festa se está falando, como é produzida e com que finalidade e, mais ainda, qual o significado dela para os que a produzem e para o povo brasileiro” (AMARAL, 1998, p. 7). O fato de os brasileiros gostarem de festejar não os impede de contribuírem de alguma forma com o local onde vivem. A proposta da autora foi analisar algumas das grandes festas realizadas em cinco regiões do Brasil: Oktoberfest, no sul; Festa de Nossa Senhora de Achiropita (Figura 24) e Peão de Boiadeiro, no sudeste; São João, no nordeste;

Círio de Nazaré e Festa de Parintins, no norte; e Festas do Divino Espírito Santo, no centro-oeste.



FIGURA 24 – Imagem de Nossa Senhora de Achiropita. Bela Vista – SP (2012).
Fonte: PORTAL DA FAMÍLIA ORIONITA NO BRASIL (2012).

A Festa de Nossa Senhora de Achiropita acontece no dia 19 de agosto e prossegue até o primeiro fim de semana de setembro, em São Paulo, no bairro do Bexiga. De acordo com Amaral (1998, p.132), “na igreja, durante o período da festa, há visita à Santa, paralelamente às orações e bênçãos. É nesta hora que a demonstração de fé à Nossa Senhora da Achiropita é mais intensa.” De origem italiana, a festa, além da religiosidade, possui muitas comidas típicas, como fogazzas, pizzas, etc.



FIGURA 25 – Quadrilha de Campina Grande na Paraíba (2013).

Fonte: BRITO (2014).

Segundo o jornal online Correio da Paraíba, de 31 de março de 2014, na seção Turismo em foco, em Campina Grande, no período de 06 de junho a 06 de julho, é realizado o maior São João do mundo. O vice-prefeito de Campina Grande alegou que, no São João de 2013, houve uma maior divulgação da festa, atingindo todo o nordeste e outras regiões do país.

Amaral (1998, p. 7) partiu da hipótese “de que as festas ocupam um espaço privilegiado na cultura brasileira, adquirindo, no entanto, significados particulares”. Nessa perspectiva, ela buscou informações para as definições do termo “festa” e sua formação brasileira, demonstrando que a festa poderia adquirir uma tríplice importância:

[...] por sua dimensão cultural (no sentido de colocar em cena valores, projetos, arte e devoção do povo brasileiro), como modelo de ação popular (no sentido de que ela tem sido, em muitas ocasiões, o modo de concentração e investimento de riquezas – investimento feito em benefícios sociais, como creches e escolas) e como espetáculo, produto turístico capaz de revigorar a economia de muitas cidades (AMARAL, 1998, p. 9).

Amaral (1998, p.271) concluiu que as festas, com suas particularidades regionais, “mostram que há muitas semelhanças entre elas e, que apesar da estrutura comum que as une, elas não são absolutamente iguais. Por outro lado, elas também não se opõem. Na verdade elas se complementam.”

O estudo de Amaral (1998) nos trouxe ideias importantes a respeito de festas, principalmente como mecanismos de mediações sociais. No ato de festejar, na pele de atores sociais, podemos nos direcionar para aspectos relevantes e primordiais, no intuito de contribuir com o nosso grupo e entorno. Nesses festejos, quanto mais interação há entre as pessoas, participando ativamente ou não, melhor será a festa.

Reportando-nos à outra festa, descobrimos o trabalho do jornalista Macedo (2007), intitulado “Congada de Catalão”. O autor explica que não usaria somente sua formação jornalística, mas sua grande experiência de 35 anos como componente de um grupo de Congada em Catalão, sua cidade. A festa acontece sempre no segundo fim de semana de outubro. Segundo Macedo (2007, p. 16), “em 2006, vinte ternos saíram às ruas de Catalão para reafirmar o compromisso com seus antepassados. E uma novidade: a primeira apresentação de um grupo formado exclusivamente por mulheres, o Mariarte.”

Em seus estudos, Macedo (2007, p. 24-25) relacionou os principais grupos da Congada e os que foram criados posteriormente. São eles: “Congo, Marinheiro e Marujeiro, Vilão, Moçambique e Catupé Cacunda, surgindo depois o Catupé amarelo, Catupé azul, Catupé branco (nomes dados pela cor da camisa) e o Catupé penacho, usando um cocar de penas na cabeça.” O autor foi informado sobre a possibilidade de esses grupos terem origem em inspirações encontradas em outros grupos de cidades mineiras, como Candeias, Campo Belo e Araxá. Depois de descrever toda a história da Congada, Macedo (2007) deixa transparecer a esperança nas novas gerações. As crianças que ficam na fila esperando uma chance são fascinadas pela Congada e podem aprender a dançar com os mais experientes. Os congueiros mais velhos se mostram preocupados, “se a geração nova terá a mesma disposição para manter a tradição da Congada, tanto na fé em Nossa Senhora do Rosário quanto no ritual” (MACEDO, 2007, p. 93).



FIGURA 26 – Imagem da apresentação do Terno Vilão de Catalão no X Encontro de Culturas (2010).

Fonte: BELTRÃO (2010).

A descoberta desses grupos de Catalão serve para constatar que a história dos negros, a fé e a devoção à Nossa Senhora do Rosário são semelhantes em boa parte das regiões brasileiras. Notamos que as indumentárias dos grupos são totalmente diferentes das usadas pelos grupos de Montes Claros. Observando as imagens do livro de Macedo (2007), é possível perceber que o capacete do Catupé penacho é diferente do capacete dos Caboclinhos, tanto no formato quanto nos modelos das penas. No terno do Gongo, o capacete possui um formato de coroa, e as fitas coloridas são mais curtas, diferentemente das dos Catopês de Montes Claros.

Na Bahia, boa parte das festas caracteriza-se por crenças na tradição católica e afrodescendente. No artigo “Festas Culturais: tradição, comidas e celebrações”, Cruz, Menezes e Pinto (2008) discutem acerca de patrimônio, festas, tradição, cultura popular e turismo. A respeito da festa de Santa Bárbara, no Largo do Pelourinho, esses pesquisadores dizem que “acontece todo ano, no dia 04 de dezembro, onde é oferecido um caruru,

comida típica da Bahia herdada dos africanos, como uma obrigação religiosa” (CRUZ; MENEZES; PINTO, 2008, p. 16). Independente dessa obrigação, o povo da Bahia parece ter encontrado no ato de preparar e servir o caruru a chance de reunir amigos e familiares para comemorar datas importantes.



FIGURA 27 – Baianos reverenciam Santa Bárbara e Iansã em dia festivo em Salvador. A Festa de Santa Bárbara é considerada um patrimônio imaterial desde 2008.
Fonte: G1 BAHIA (2012).

Ao abordarem a cultura popular da Bahia, os citados autores enfatizaram que:

[...] todo espaço ou lugar possui uma significação de existência que o torna singular, definidor de uma identidade que vem constituir pertencimento pelas práticas exercidas no cotidiano da comunidade de modo a consolidar uma referência para o lugar ou região (CRUZ; MENEZES; PINTO, 2008, p. 1).

Na festa de Santa Bárbara, o caruru não só ganhou importância culinária, como se tornou uma importante ferramenta de integração entre as pessoas, que se empenham em preparar e servir o prato, traduzindo, assim, a linguagem de um povo.

A pesquisa de autores que abordam a temática “festas” foi, de certo modo, valiosa para percebermos como esse tema é bem vasto e o quanto pode ser explorado por diversas linguagens, principalmente pelas Artes Visuais. A diversidade de festas espalhadas pelo Brasil ainda precisa ser explorada no âmbito das pesquisas, pois abarcam aspectos muito ricos da cultura popular. Observamos, pelas imagens, as variações e a beleza das vestimentas, que caracterizam as regiões e os costumes dos seus povos.

Em Montes Claros, existem comemorações em homenagem a vários santos, principalmente São João, São Pedro e Santo Antônio. Nas igrejas, acontecem missas e barraquinhas com comidas típicas e brincadeiras. A Semana Santa é também muito prestigiada, mas as Festas de Agosto, certamente, são uma referência importante, por concentrar, no período festivo, sua parte religiosa, muitas atrações artísticas, culinária, além do fato de estabelecer diálogos culturais diversos.

2.2 Festas de Agosto em Montes Claros

A cidade de Montes Claros, apresentada na Figura 29, está localizada no Norte de Minas Gerais, no Vale do São Francisco. Fundada em meados do século XVIII, teve sua origem ligada à fazenda de Montes Claros, passando, posteriormente, a povoado do Arraial das Formigas, Vila de Montes Claros de Formigas e, em “3 de julho de 1857, a vila foi elevada à cidade de Montes Claros” (PAULA, 1957, p. 21). A parte antiga da cidade, próxima à Igreja Matriz de Nossa Senhora e São José, é rodeada por alguns casarões construídos no decorrer da história e desenvolvimento da cidade, onde se situava a fazenda de Montes Claros.



FIGURA 28 – Fotografia de Montes Claros. Fundada no século XVIII, a cidade vem crescendo e evoluindo, e a tradição das Festas de Agosto, registradas desde 1839, mantém-se presente na história da cidade.
Fonte: MONTES CLAROS.INFO (2013).

Montes Claros é um importante centro comercial e industrial. Possui, aproximadamente, 385.898 habitantes, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2013). Além de muitos atrativos naturais, a cidade conta também com pontos de importância histórico-cultural, como a Casa do Artesão, o Centro Cultural Hermes de Paula e as variadas manifestações culturais, merecendo destaque as Festas de Agosto, nas quais estão inseridos os grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos.

De acordo com os estudos de Queiroz (2005, p.57), “as Festas de Agosto em Montes Claros se consolidaram a partir da junção de três festejos religiosos: o de Nossa Senhora do Rosário, o de São Benedito e do Divino Espírito Santo.” De acordo com esse autor, as festas dos santos aconteciam em meses diferentes: a festa do Divino (no período de Pentecostes), de São Benedito (setembro/outubro) e Nossa Senhora do Rosário (agosto). Com a junção, os três festejos passaram a ser comemorados no mesmo período, em agosto.

Assim, por iniciativa da Secretaria Municipal de Cultura, da Prefeitura de Montes Claros e da Associação dos Catopês, Marujos e Caboclinhos, é realizado, anualmente, no mês de agosto, o Festival Folclórico de Montes Claros, evento que foi agregado ao período de festas. Nesse mesmo período, acontece as Festas de Agosto. Mendes (2006, p. 51) destaca que esses dois eventos são confundidos por muitos:

Enquanto os participantes e apreciadores das Festas de Agosto convergem sua força para a devoção aos santos católicos, com rituais de missas, reinados e desfiles, o Festival Folclórico é o palco de apresentação dos elementos folclóricos da região. É a tentativa de colocar num só lugar/evento tudo aquilo que se julga folclore, do povo, tradicional, da cultura da terra.

Na segunda quinzena de agosto, os grupos desfilam pela cidade com roupas e ritmos característicos, reconstituindo a história de fé e de devoção aos santos. Esses grupos fazem parte de uma grande manifestação de cultura popular: o congado¹¹, nome que se incorpora, aos poucos, ao vocabulário dos habitantes de Montes Claros. Quanto à sua origem, Gomes e Pereira (1988, p.176) explicam que, “através do processo aculturativo entre a religiosidade branca e a recriação do negro, tenha ocorrido no Brasil Colonial, a criação do Congado.” O congado surgiu como uma rica manifestação, em diversos estados do Brasil, entre os séculos XVII e XVIII, e o estado de Minas Gerais não passou despercebido, porque possuía uma riqueza que atraía muitas pessoas: o ouro. Segundo Queiroz (2005, p. 28),

[...] o ritual congadeiro é um festejo de devoção a santos católicos, em que elementos religiosos, musicais, plásticos, cênicos e coreográficos de tradições populares luso-espanholas e indígenas, são somados a aspectos característicos de cultos e ritos da cultura africana.

Nesse universo de cultos e ritos, muitas culturas encontraram seus espaços, reforçando cada vez mais a identidade cultural de seus grupos. Foi nesse contexto que surgiu a história de Chico Rei, um negro que trabalhou em minas de ouro e foi coroado rei em uma festa de Nossa Senhora do Rosário.

¹¹ “Congado: “Manifestação da cultura popular brasileira, caracterizada na sua performance por danças dramáticas ou folguedos acompanhados de expressões musicais e coreografias diversas que constituem a manifestação” (QUEIROZ, 2005, p. 28).

Conta-se que Chico Rei usava o ouro para comprar a liberdade de seus irmãos negros. É possível que as festas tenham sido uma forma que os negros encontraram para mostrar alegria, reverenciar aos santos e pagar suas promessas. De acordo com Brandão (1989, p. 9), “a festa se apossa da rotina e não a rompe, mas excede a sua lógica e é nisso que ela força as pessoas ao breve ofício ritual de transgressão”. Para o negro, o transgredir poderia representar apenas sair da rotina por alguns momentos e entrar em um espaço coletivo de alegria e descontração.

Por intermédio de pesquisas, notamos que, nas manifestações do Congado, existem aspectos marcantes que parecem sempre reforçar a fé, a resistência e as condições sociais do negro frente aos desafios encontrados na convivência com os brancos. Nas Festas de Agosto de Montes Claros, a diversidade cultural é enorme, e todas as tribos, independentemente de raça ou credo, encontram-se numa comunhão com os santos, demonstrando fé e devoção.

A devoção popular ou a religiosidade são manifestações que, de modo geral, não passam pelo crivo dos cultos oficiais, isto é, não pertencem à liturgia. A devoção é bastante flexível e pode ser acrescida, criada e recriada constantemente. Assim, podemos defini-la como uma massa que vai se modelando de acordo com os acontecimentos históricos.

Falar de religiosidade popular brasileira nos leva ao Período Colonial, época em que leigos e irmandades passaram a realizar o papel do clero, levando manifestações populares para várias regiões do Brasil, o que culminou na construção de igrejas e na veneração de santos. Desse modo, o catolicismo se estabeleceu como uma religião dominante, dando origem às festas religiosas.

O sagrado e o profano relacionam-se, completam-se e são difíceis de serem dissociados. Segundo Patias (2007, p. 1), o sagrado é:

[...] tudo aquilo que está ligado à religião, nesse sentido, magia, mitos, crenças. Em qualquer tipo de religião, a concepção do sagrado se manifesta sempre como uma realidade diferente das naturais, remetendo ao extraordinário, ao anormal, ao transcendental, ao metafísico. Quando o processo é tratado como um fato natural, biológico, normal, estamos no campo do profano, de tudo aquilo que não é sagrado.

Esses dois aspectos, geralmente, estão presentes em qualquer forma de religiosidade, e as festas criam o ambiente para essa interação. Abordando o mesmo assunto, encontramos referências no livro de Mircea Eliade, “O Sagrado e o Profano” (2001, p. 17). Nessa obra, o autor faz vários apontamentos, entre eles, que “o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano.” Para indicar o ato da manifestação do sagrado, Eliade (2001, p. 17) utilizou o termo hierofania, que “exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo *de sagrado se nos revela*”. Para esse autor, simples objetos, como uma pedra, podem se revelar sagrados para algumas pessoas, sem, contudo, deixar de ser ela mesma.

Noutra perspectiva, segundo Oliveira (2007), às vezes, o lado sagrado não é percebido, porque não se mostra de imediato. Toda a programação de uma festa é feita, geralmente, de certo modo, oculta. Aos poucos, o sagrado vai se revelando através dos ensaios, dos desfiles e, principalmente, do levantamento dos mastros dos santos festejados. Conforme o entendimento de Cabral (1999 apud OLIVEIRA, 2007, p. 25),

[...] as ideias de sagrado e profano se complementam de forma dinâmica e instável na realização de qualquer festa popular. Todas carregam essa dupla face à medida que escondem e revelam simultaneamente várias convenções e justificativas. A face profana mobiliza recursos e negocia estratégias antes, durante e depois da realização da própria festa.

Levando em conta os apontamentos de Patias (2007) e Oliveira (2007), a parte sagrada da festa não poderia ser desvinculada da face profana, porque há uma estrutura, principalmente física, necessária para que a festa aconteça. Essa estrutura é percebida também nas Festas de Agosto ocorridas em Montes Claros, nas quais existem a parte religiosa e outras programações artísticas.

2.2.1 Os grupos de Congado

2.2.1.1 Os Catopês



FIGURA 29 – Catopês desfilando na rua próxima à Igreja do Rosário.

Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2013).

Os componentes dos grupos de Catopês, apresentados na Figura 29, usam vestimentas brancas, capacete decorado com miçangas, lantejoulas, espelhos, fitas coloridas e penas de pavão. Dos três grupos, dois são devotos de Nossa Senhora do Rosário, e o outro grupo é devoto de São Benedito. Os Mestres dos grupos, geralmente, enfeitam mais seu capacete, no intuito de se destacarem entre os demais dançantes. Conforme os estudos de Queiroz (2005),

[...] os Catopês apresentam pequenas variações nas cores de suas vestimentas, tendo em vista que, nos ternos de Montes Claros, há uma predominância da cor branca como base da coloração das roupas dos integrantes. No entanto, cores como o azul, o rosa, e o vermelho, que estão relacionados aos santos devotados pelos grupos, podem apresentar nuances na composição dos figurinos, fazendo parte de detalhes e até mesmo da configuração geral da roupa dos Mestres e/ou de

integrantes hierarquicamente mais importantes dentro dos Ternos (QUEIROZ, 2005, p. 40).

Com todas as influências do mundo contemporâneo, as manifestações congadeiras ainda conseguem manter muitos aspectos considerados originais. Representantes dos negros, os grupos de Catopês, inicialmente, apresentavam-se e organizavam-se somente com homens negros. De acordo com o historiador montes-clarense Paula (1979, p. 138-139),

[...] os grupos de Catopês são compostos na sua maioria, por homens pretos, dóceis e alegres, adultos e crianças, que se apresentam em duas colunas, cantando e dançando, começando pelos mais altos e seguindo em ordem decrescente pela altura até os menores. O chefe dança e comanda os cantos entre as duas colunas e à frente há também dois porta-bandeiras à paisana. A vestimenta uniforme é simples: calça, paletó e camisa de cor branca ou clara. O calçado não é obrigatório. Na cabeça atam um lenço e sobre este assentam um capacete, espécie de um cilindro oco de papelão nas dimensões da cabeça, aberto dos dois lados e enfeitados com espelhos, pedras coloridas e fitas de várias cores que medem mais ou menos um metro de comprimento, tem uma das pontas presas ao capacete e a outra esvoaça ao sabor dos ventos. O chefe usa um capacete enfeitado de penas de ema, dando-lhe uma distinção especial. Cada um conduz um instrumento – pandeiro, tamborim ou caixa. Uma flauta de bambu dá poesia ao conjunto.

Hoje, é difícil encontrarmos somente negros nos grupos, haja vista que a mistura de raças foi inevitável. Durante as investigações, notamos um maior número de mulheres no Grupo de Catopês de Mestre Expedito, único que permite a entrada de mulheres em seu grupo. Quanto às vestimentas, pela descrição de Paula (1979), a única diferença é que os Catopês não usam mais paletó. Supomos que tenha se tornado difícil usar essa vestimenta pelo calor escaldante de Montes Claros. Ademais, não há grandes alterações na performance dos grupos de Catopês. Representantes dos negros, os Catopês receberam outras denominações. Segundo Queiroz (2005, p. 32), “algumas regiões do país utilizam o termo Catopés ou Catupés em vez de Catopês.” Não conseguimos comprovar se em Montes Claros as outras denominações já foram utilizadas.

2.2.1.2 A Marujada



FIGURA 30 – Primeira Marujada desfilando na rua central em direção à Igreja do Rosário.

Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2013).

A marujada é representada por dois grupos: a 1ª marujada, do Mestre Tim, apresentada na Figura 30, e a 2ª marujada, do Mestre Tony Cachoeira, exposta na Figura 31. No primeiro grupo, os componentes usam vestimentas de cetim enfeitadas com rendas brancas nas cores azul, representando os cristãos, e o vermelho, representando os mouros. Na cabeça, usam um chapéu da cor da vestimenta, com aba quebrada na testa e ornamentado com bordados de pedrarias, lantejoulas e fitas. Além dos marujos, a marujada é composta, ainda, pelo patrão, um contramestre, um piloto e um calafatinho, além dos guardas. Tanto o patrão como o contramestre carregam uma espada, e estes, junto ao piloto, diferenciam-se dos demais porque usam fraque preto. Como a marujada é um bailado popular, esses personagens fazem parte de encenações de conquistas e lutas portuguesas. Pelas roupas vermelhas e azuis, verificamos que esses marujos não se parecem com os marinheiros típicos que conhecemos.



FIGURA 31 – Segunda Marujada com vestimenta branca desfilando no centro da cidade.
Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2013).

Na 2ª marujada, sob direção do Mestre Tony, exposta na Figura 31, os componentes usam vestimentas brancas de marinheiro e quepe. Cada grupo se apresenta dividido em duas colunas, tocando com pandeiro, viola e cavaquinho. Os marujos são devotos do Divino Espírito Santo. Queiroz (2005, p. 36) destaca que “o enredo da Marujada constitui a fusão de elementos de tradições luso-espanholas, encenando lutas entre mouros e cristãos em grandes feitos náuticos que se concretizam com a vitória do catolicismo sobre os muçulmanos.”

Como Montes Claros não possui navegação marítima, nossos marujos acabam desembarcando na porta da Igreja do Rosário. Segundo Sarmiento (2005, p. 63), esse templo, cuja fotografia é exposta na Figura 48, foi “reconstruído no formato de uma barca, como a ‘barca nova’ da marujada.” Paula (1979) explica que a marujada era conduzida dentro de uma barca até o

porto, que seria a Igreja do Rosário. A simulação de uma barca era, na verdade, uma armação de madeira retangular revestida por tecidos e com rodas. Parecia uma sala sem teto e sem piso. Dentro dessa cercadura, ficavam os marujos. Atualmente, eles não usam esse recurso da barca e desfilam como os demais grupos.

2.2.1.3 Os Caboclinhos



FIGURA 32 – Caboclinhos desfilando na rua central.

Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2013).

Os Caboclinhos são crianças e adolescentes que pintam o rosto com tinta, vestem camiseta de malha vermelha, saia enfeitada de penas coloridas e um cocar de penas. Os instrumentos utilizados pelos músicos são violões e violas. Conforme Queiroz (2005, p. 39), os Caboclinhos,

[...] conduzem pequenos arcos e flechas que completam a caracterização plástica dessa manifestação. As flechas, quando arremessadas, não se soltam devido a um ressalto que as mantém presas no arco e, por entrechoque, funcionam como marcador rítmico, ajudando a compor a sonoridade do grupo.

Paula (1979, p. 166) comenta que, “além dos caboclinhos, o grupo se compõe de: Caciquinho, Cacicona, Cacicão, Papai Vovô, Mamãe Vovó, Pantalão, Capitão Campó, dois porta-bandeiras e os músicos.”

Com o passar do tempo, algumas mudanças foram inevitáveis. A transformação mais acentuada foi no grupo de Caboclinhos. Paula (1979, p. 166) comenta que os caboclinhos vestem “saiotes enfeitados de plumas, com o busto nu e pintado com urucu (sic) e outras tintas.” Naquela época, os participantes eram todos homens (adultos e crianças) e, para representarem os personagens femininos, eles usavam vestimentas de mulheres.

No contexto atual, o grupo é composto, na sua maioria, por mulheres e como não poderiam usar o busto nu, optaram pelas camisetas de malha. As camisetas vieram sinalizando mudança significativa, uma vez que as mulheres passaram a ocupar os lugares que antes eram destinados somente aos homens. Essa mudança aos poucos foi sendo assimilada, agregando novos significados e interpretações à tradição dos festejos de agosto.

2.3 Trajes do Grupo Fitas e do Grupo Saruê

Em Montes Claros, existem grupos de dança que apresentam coreografias e trajes semelhantes àqueles verificados entre Catopês, Marujos e Caboclinhos, de modo que é comum encontrarmos essas vestimentas em algumas apresentações de dança do Grupo Fitas¹² e do Grupo Saruê¹³.

Em 2013, durante as Festas de Agosto, vimos os trajes das Figuras 33, 35, e 37 em manequins de plástico, colocados em alguns pontos do prédio da antiga Escola Normal/FAFIL, situado ao lado da Secretaria Municipal de Cultura. Esses manequins com os trajes típicos de festa, semelhantes aos dos grupos de Congado, foram utilizados pelos organizadores do evento com o intuito de lembrar os grupos de Congado da cidade, além de compor o

¹² Fundado em 2005, o FITAS – Grupo de Tradições Folclóricas, tem como objetivos cultivar e representar o que nossos antepassados nos legaram, proporcionando informação cultural através da alegria e descontração das danças brasileiras (X FESTIVAL INTERNACIONAL DE FOLCLORE DE MINAS GERAIS).

¹³ Fundada em 29 de março de 2003, a Companhia de Danças Folclóricas Saruê – UNIMONTES tem como objetivos conhecer, vivenciar e valorizar as danças folclóricas de representação local, regional, nacional e estrangeira (SARUÊ – COMPANHIA DE DANÇAS PARAFOLCLÓRICAS).

ambiente festivo do prédio, local onde acontecem algumas atividades relacionadas às Festas de Agosto. Os manequins permaneceram no prédio durante todo o período dos festejos. Os trajes foram emprestados aos organizadores pelos grupos de danças mencionados acima. Apesar de o espaço ser público, julgamos necessário pedir a permissão dos líderes dos grupos para usar as imagens tiradas no horário noturno.



FIGURA 33 – Manequim usando traje semelhante ao do Catopê (Grupo Saruê).
Local: Prédio da Escola Normal/FAFIL.
Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2013). Com a permissão do Grupo Saruê.



FIGURA 34 – Catopê desfilando na rua no dia da Festa.
Fonte: Acervo particular. Fotografia: Heloisa Dumont (2011).

Observando as Figuras 33 e 34, notamos que, quanto ao vestuário, tanto o manequim como o catopê usam calça e camisa brancos, fitas coloridas e penas de pavão nos capacetes. Embora não seja possível perceber

nitidamente, parece existir um bordado em toda a extensão das faixas em ambos os trajes. As faixas usadas pelo manequim são mais estreitas, nas cores azul e vermelha. O catopê usa uma faixa azul, fazendo referência à Nossa Senhora do Rosário. Observamos, também, que o capacete do manequim apresenta um formato arredondado na frente e a lateral mais estreita, com fundo vermelho e enfeites em toda a sua borda; enquanto o capacete utilizado pelo catopê é cilíndrico e todo revestido por lantejoulas.



FIGURA 35 – Manequim usando traje semelhante ao do Marujo (Grupo Fitas).
Local: Prédio da Escola Normal/FAFIL
Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2013). Com a permissão do Grupo Fitas.



FIGURA 36 – Marujo desfilando na rua no dia da Festa.
Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2013).

As roupas expostas nas Figuras 35 e 36 são praticamente iguais: as calças são de cetim azul claro, com uma faixa vermelha no sentido vertical ao longo das pernas; a camisa é larga e azul, com barrado, e o punho é em renda branca. O chapéu do manequim é vermelho, tem a aba dobrada e é todo

enfeitado com lantejoulas. O chapéu do marujo, por sua vez, recebeu uma fita azul mais larga contornando toda a sua extensão. Nos trajes de ambos, o que aparenta ser diferente são as capas: o marujo usa uma forma mais arredondada que a do manequim. O acabamento foi feito com renda branca, e o bordado com lantejoulas e lacinhos de fitas.



FIGURA 37 – Manequim usando traje diferente do usado no desfile (Grupo Saruê). Local: Prédio da Escola Normal/FAFIL.

Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2013). Com a permissão do Grupo Saruê.



FIGURA 38 – Caboclinho desfilando na rua no dia da Festa.

Fonte: Acervo particular. Fotografia: Heloisa Dumont (2011).

Ao observarmos as Figuras 37 e 38, verificamos que os trajes são bem diferentes. O manequim está sem blusa e usa uma saia de penas longas nas tonalidades amarela, laranja e preta. Ele usa também um enfeite na parte

superior do braço com as mesmas tonalidades da saia e um cocar de penas grandes e longas. Já o caboclinho usa saia com penas pequenas de cores variadas, como azul, amarelo, branco, roxo, vermelho e preto. Essas cores se repetem também no cocar de penas usado na cabeça. Por cima da camiseta vermelha e contornando os ombros, há uma espécie de beca colorida, com penas nas cores rosa, azul, branca e vermelha. A fotografia do manequim foi tirada no período noturno, por isso não apresenta uma imagem nítida, o que dificulta uma descrição mais minuciosa.

Pela alta qualidade estética, pelos ornamentos, pela vestimenta, pela diversidade cultural e pela devoção apresentados pelos grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos, é crescente o número de artistas plásticos, escultores, artesãos, fotógrafos, músicos, poetas e escritores que se inspiram na imagem visual desses grupos e seus rituais, fazendo alegorias e temas frequentes em suas obras, como se pode observar nas Figuras 39, 40, 41, 42, e 43:

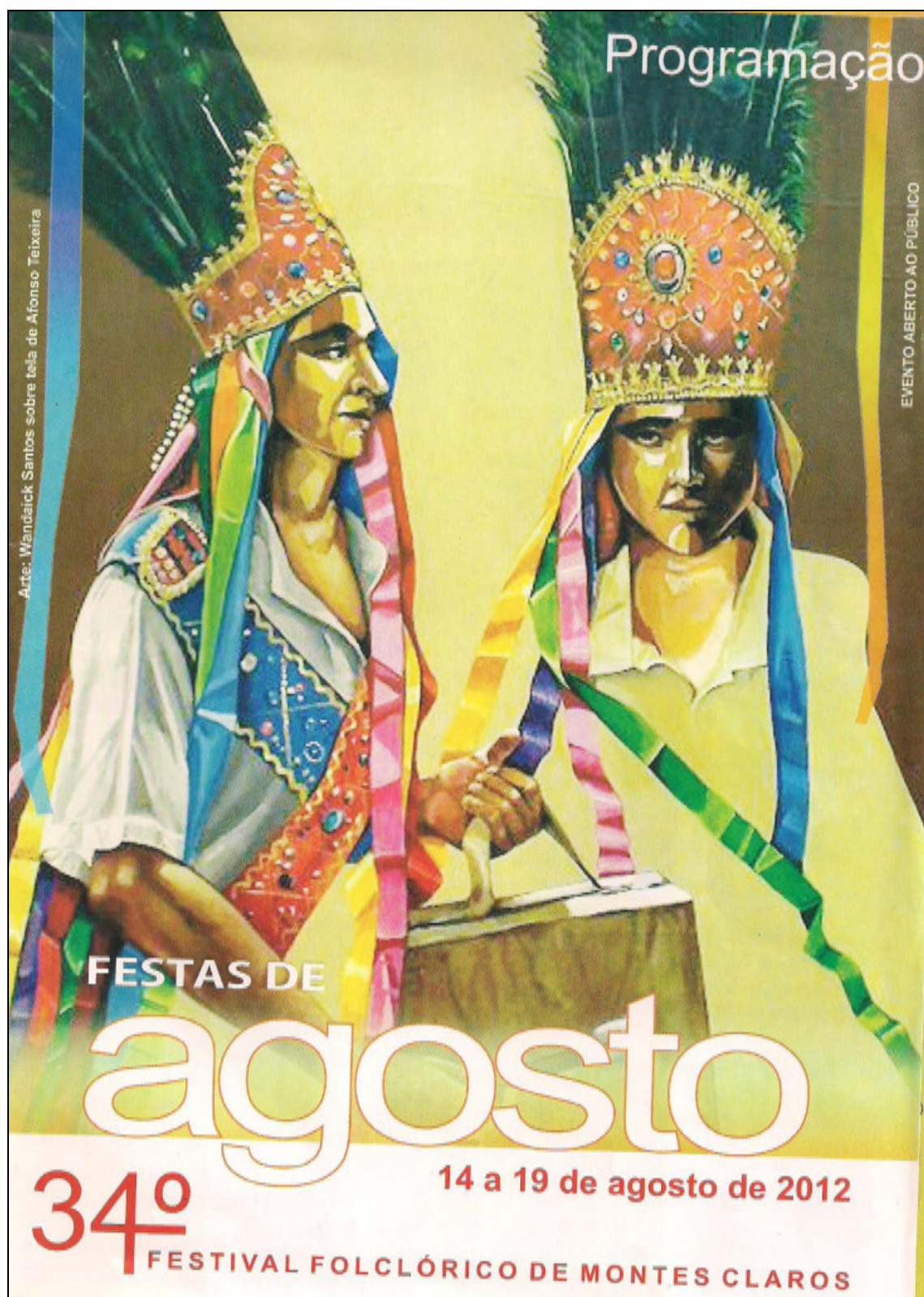


FIGURA 39 – Wandaick Santos – Folder da Programação de 2012. Imagem da tela do artista plástico Afonso Teixeira, de Montes Claros.
 Fonte: Secretaria Municipal de Cultura .



FIGURA 40 – Escultura de Felicidade Patrocínio exposta no Centro Cultural Hermes de Paula.

Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2014).



FIGURA 41 – Encarte do CD do Grupo Instrumental Trem Brasil (2000).

Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira



FIGURA 42 – Mestre João Farias ilustrando a capa da Revista Pequi Magazine Especial (2009). Fonte: Acervo particular de Suely Lopes de Queiroz Ferreira.

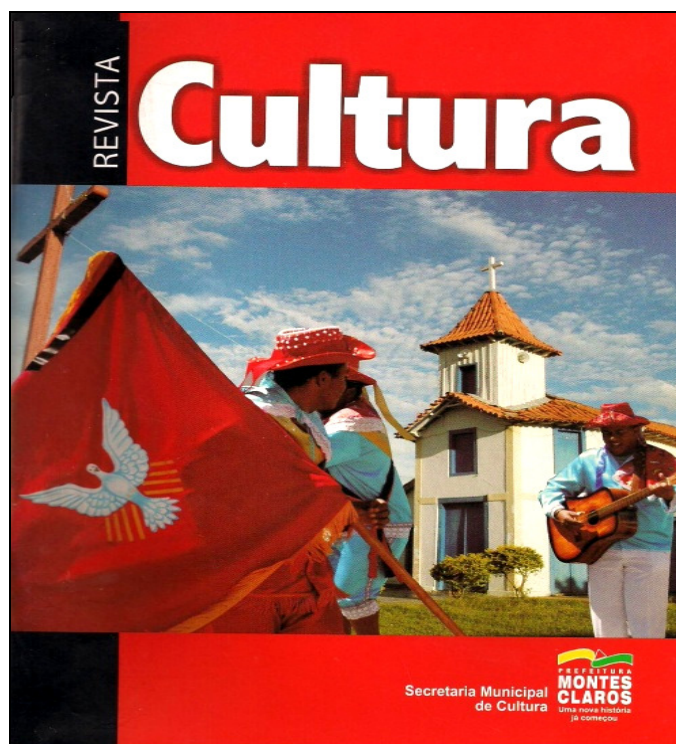


FIGURA 43 – Imagem dos Marujos próximos à Igreja dos Morrinhos na capa da Revista da Secretaria Municipal de Cultura (2008).
Fonte: Acervo particular de Suely Lopes de Queiroz Ferreira.

Laraia (2006) cita em sua obra a ideia do antropólogo norte-americano Leslie White, para quem “toda cultura depende de símbolos. É o exercício da faculdade de simbolização que cria a cultura e o uso de símbolos que torna possível a sua perpetuação. Sem o símbolo não haveria cultura” (WHITE apud LARAIA, 2006, p. 55).

Com o intuito de manter as lembranças e os símbolos que representam essa cultura, esperamos contribuir para o fortalecimento e continuidade dessas manifestações culturais tradicionais em Montes Claros.

2.3.1 Organização das Festas de Agosto

Para que as Festas de Agosto ocorram todos os anos, a Secretaria Municipal de Cultura, a Prefeitura de Montes Claros e a Associação dos Catopês, Marujos e Caboclinhos programam tudo, inclusive, os transportes que vão conduzir os grupos para os locais dos festejos. Apesar dessa organização, às vezes, a condução não aparece e, por isso, é comum os grupos percorrerem grandes distâncias a pé, no intuito de cumprirem a programação estabelecida por eles e os demais organizadores.

João Pimenta dos Santos, mais conhecido como Mestre Zanza, é o presidente da referida Associação e coordenador geral das Festas de Agosto. É também Mestre do 1º grupo de Catopês de Nossa Senhora do Rosário. Geralmente, as reuniões são feitas na Associação, onde são reunidos os festeiros, representantes da Secretária Municipal de cultura e as demais pessoas que ajudam na organização. Nesse espaço, são discutidos vários assuntos referentes às Festas, como, por exemplo, a organização do trânsito nos roteiros dos cortejos.

Embora as festas ocorram em Agosto, há uma preparação anterior, pois um contato entre os grupos de congado e os festeiros se faz necessário para agilizar a programação de visitas às casas dos festeiros e mordomos da festa de cada reinado. Segundo os mestres, essas visitas são importantes para um conhecimento prévio entre os participantes do festejo. No mês de maio, os grupos se organizam para ensaiar as coreografias e as músicas para o cortejo do desfile. Os ensaios acontecem na casa do Mestre de cada grupo ou na

Associação dos Catopês, Marujos e Caboclinhos, como é o caso do Mestre Zanza, residente no mesmo bairro onde se encontra a Associação.

Nos meses de junho e julho, os ensaios prosseguem, dando início às visitas às casas dos festeiros. Nesses percursos feitos até as residências visitadas, os grupos se apresentam ao público, ainda vestidos à paisana. As visitas são consideradas muito importantes por representarem o primeiro contato dos grupos com as famílias dos festeiros antes das Festas.

Em 2013, as Festas ocorreram de 14 a 18 de agosto. Os mastros das bandeiras são levantados sempre nas noites anteriores às festas de cada santo homenageado, e os reinados¹⁴ e o império acontecem sempre nos dias seguintes pela manhã. O encerramento da parte religiosa se dá com uma missa, em que se reúnem todos os grupos e a comunidade em geral.

Segue abaixo o folder da programação de 2013 distribuído pela Secretaria Municipal de Cultura:



FIGURA 44 – Folder da programação das Festas de Agosto de 2013.

Fonte: Acervo particular. Arte: Wandaik Santos.

¹⁴ De acordo com Queiroz (2005, p. 60), “os reinados e o império são os momentos de coroação e consagração dos reis, rainhas, imperador e imperatriz.”

PROGRAMAÇÃO		RELIGIOSA /		CULTURAL							
 Programação Dia: 13/08 - Centro Cultural Hermes de Paula 19h00 - Abertura Oficial das "174^{as} Festas de Agosto / 2013" e "38^o Festival Folclórico de Montes Claros" com apresentação da Banda de Música Municipal de Montes Claros 20h00 - Lançamento do livro "O menino que sonhava com as estrelas" de Amélia Chaves Exposição Individual do Artista Plástico Afonso Teixeira, na Galeria de Artes Godofredo Guedes Apresentação de Esculturas de Catopês da Artista Plástica Felicidade Patrocínio Presença do Prefeito de Montes Claros, Ruy Muniz; Mestre Zanza, Coordenador das Festas de Agosto, Presidente da Associação dos Grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos de Montes Claros e Chefe do 1^o Grupo de Catopês de Nossa Senhora do Rosário, Mestre João Faria, Chefe do 2^o Grupo de Catopês de Nossa Senhora do Rosário, Mestre Zé Expedito, Chefe do Grupo de Catopês de São Benedito, Mestre Timi, Chefe do 1^o Grupo de Marujos ou Marujadas, Mestre Tone Cachoeira, Chefe do 2^o Grupo de Marujos ou Marujadas, Cadoana Socorro, Chefe do Grupo de Caboclinhos ou Cabocladá.		14/08 - QUARTA-FEIRA Horário: 19h00 - Mestre de Nossa Senhora do Rosário Mordomo: Edna Eliana Saida: Rua 17, nº 118, Bairro Jardim São Genário, até a Igreja do Rosário, na Praça Portugal. Levantamento do Mastro: 21h00. 		15/08 - QUINTA-FEIRA Horário: 19h00 - Reinado de Nossa Senhora do Rosário Reinado: Saida do Automóvel Clube (Praça Dr. João Alves), até a Igreja do Rosário. Participação da Banda de Música do 10^o BPMMG Rei: Yan Moreira Miranda Festeiros: Marcelo Ribeiro Miranda, Lilian Souto Moreira Miranda Rei: Pedro Henrique Lopes Cardoso Festeiros: Marcos Silvério Cardoso, Sônia Marlene Lopes Cardoso Rainhas: Ana Luiza Simão Barbosa Festeiros: Leonardo Ayrola Barbosa, Janaina Simão Benedito Barbosa Horário: 19h00 - Mestre de São Benedito Saida: Centro da Agricultura Alternativa do Norte de Minas - CAA - Solar dos Serenos, Praça Dr. Chaves da Matta, nº 152 - Núcleo Histórico, até a Igreja do Rosário. Levantamento do Mastro: 21h00		16/08 - SEXTA-FEIRA Horário: 19h00 - Reinado de São Benedito Reinado: Saida do Automóvel Clube (Praça Dr. João Alves), até a Igreja do Rosário. Participação da Banda de Música do 10^o BPMMG Rei: Samuel Melo Maia Festeiros: Renato Maia Borborema, Sabrina Emanuele Melo Rainha: Larissa Gabrielly P. Aguiar Festeiros: Guilherme Prates Sobrinho, Marcella Pereira Aguiar Horário: 19h00 - Mestre do Divino Espírito Santo Mordomo: Ivânia Nunes Cardoso Saida: Rua Moscos, nº 52, Bairro Sagrada Família, até a Igreja do Rosário. Levantamento do Mastro: 21h00 		17/08 - SÁBADO Horário: 19h00 - Império do Divino Espírito Santo Império: Saida do Automóvel Clube (Praça Dr. João Alves), até a Igreja do Rosário. Participação da Banda de Música do 10^o BPMMG Imperador: José Vitor Pires Silveira Campos Festeiros: Euler José Mendes Campos, Dulcinéia Pires Silveira Campos Imperatriz: Anna Julia Xavier Mesquita Festeiros: Virgílio Vieira Mesquita, Ana Paula Pereira Xavier, Maria de Fátima Pereira Xavier Apoio: 		18/08 - DOMINGO Horário: 10h00 - ENCONTRO MINEIRO DE TERROS DE CONGADO Associação dos Grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos de Montes Claros, Rua Humalá, 126 - Bairro Morinho, 12h00 - Alinço de Congaramento 15h00 - Procissão de encerramento Participação da Banda de Música do 10^o BPMMG Saida: Centro Cultural Hermes de Paula - Praça Dr. Chaves, 32 - Núcleo Histórico Roteiro da procissão: Centro Cultural Hermes de Paula, Avenida Florentino Ribeiro, Rua Dr. Santos, Rua Dom Pedro II, Rua Camilo Prates, Rua Governador Valadares, até a Igreja do Rosário.	
TABLA DO IGREJA DO ROSÁRIO 20h00 - ZÉ RAIVA E LEONAR 22h00 - GRUPO FOLCLÓRICO BANZÉ PALCO PRAÇA DA MATRIZ 21h00 - BRUNO E FABIANA 22h00 - SAULO LARANJEIRA		TABLA DO IGREJA DO ROSÁRIO 20h00 - FOLIA DE BOM PRETO CASTANO 22h00 - GRUPO ZABELÊ PALCO PRAÇA DA MATRIZ 21h00 - ANDRÉ ÁGUA E CONVIDADOS 22h00 - BANDA RELICÁRIO		TABLA DO IGREJA DO ROSÁRIO 20h00 - NOENO DA VIOLA E MAURINHO 21h00 - ZÉ VICENTE: 50 Anos de Comunicação 22h00 - GRUPO SARUÊ PALCO PRAÇA DA MATRIZ 21h00 - MAIA Y BOAVISTA E HERBERTH LINCOLN (Especial 40 anos do Grupo Raízes) 22h00 - PEDRO BOI E BANDA		TABLA DO IGREJA DO ROSÁRIO 20h00 - ENCONTRO DE CAPOEIRA CAPOEIRA CORDÃO DE OURO 22h00 - GRUPO FITAS PALCO PRAÇA DA MATRIZ 20h00 - CIRO ARAÚJO E IRACEMA REIS 21h00 - JORGE TAKAHASHI 22h00 - SILDANHA ROLIM		TABLA DO IGREJA DO ROSÁRIO 19h00 - BANDA DE MÚSICA DO 10^o BPMG 20h00 - GRUPO FOLCLÓRICO BANZÉ 22h00 - GRUPO ZABELÊ PALCO PRAÇA DA MATRIZ 21h00 - DEBORA ROSA e CIA 22h00 - JUQUITA QUEIROZ E BANDA			

FIGURA 45 – Folder da Programação das Festas de Agosto de 2013.

Fonte: Acervo particular. Arte: Wandaik Santos.

Nesse universo festivo, as pessoas da cidade e os turistas se encantam com os desfiles, que são verdadeiros espetáculos. Em 2013, estivemos mais perto das Festas de Agosto, com um olhar mais investigativo, misturado a muita emoção e encantamento. Partimos para as ruas centrais de Montes Claros com o objetivo de observar e fotografar os grupos, principalmente, o Mestre João, foco de nossa investigação. Antes disso, tivemos o privilégio de assistir à última visita feita pelos grupos na Secretaria Municipal de Cultura, no centro da cidade, no sábado, dia 10 de agosto de 2013. Nesse dia, os grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos reuniram-se na Secretaria para a sua última visita antes da Festa. Nas paredes da sala principal da Secretaria, foram expostos oratórios de papel com a figura do Divino Espírito Santo. A música e os sons dos instrumentos anunciavam a chegada de cada grupo. À medida que chegavam, iam se organizando para as apresentações. Os Catopês foram os primeiros a se apresentarem, em seguida, os Caboclinhos e, depois, os Marujos. Cada grupo, um após o outro, fez saudações à Nossa Senhora do Rosário, a São Benedito e ao Divino Espírito Santo, dando uma ênfase maior ao seu santo de devoção. Após as saudações, eles cantaram, tocaram seus instrumentos e dançaram,

transmitindo muita energia e alegria. Em seguida, saíam para lanche em outra sala, deixando o local para o próximo grupo se apresentar. Depois do lanche, os grupos foram para suas casas descansarem. É importante ressaltar que, durante as visitas, os grupos usam roupas do dia-a-dia, como se vê na Figura 46:



FIGURA 46 – Grupo de Caboclinhos na última visita à Secretaria Municipal de Cultura de Montes Claros.

Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2013).

Há muitos anos, os trajes das Festas de Agosto eram utilizados somente quando iniciavam os desfiles pelas ruas, na manhã seguinte ao levantamento do primeiro mastro. Para Colares (2006, p.55), foi uma surpresa quando, em 2005, os grupos foram vistos com os trajes de festa na primeira noite ao levantarem a bandeira de Nossa Senhora do Rosário. Essa mudança ocorreu porque “os grupos acataram o pedido do Secretário Municipal de Cultura, João Rodrigues, que pediu que os grupos usassem as roupas em todos os dias para a festa ficar mais bonita.” Colares (2006) acrescentou que somente os marujos não atenderam ao pedido do secretário, alegando que “só

no outro dia, depois do levantamento do primeiro mastro é que prestariam suas homenagens com suas roupas de festa, como manda a tradição.”

Para anunciar que os festejos estão chegando, algumas ruas próximas às Igrejas do Rosário e da Matriz de Nossa Senhora e São José, onde a concentração do público é maior, são enfeitadas todos os anos, conforme se visualiza na Figura 47:



FIGURA 47 – Rua lateral à Praça Dr. Chaves em frente à Igreja da Matriz de Nossa Senhora e São José. Um dos pontos onde ficam barracas de artesanato, bebidas, comidas e um palco para apresentações artísticas.

Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2013).

A abertura oficial das Festas de Agosto ocorreu no Centro Cultural Hermes de Paula, situado na Praça Doutor Chaves (Praça da Matriz) , no centro da cidade, às 19h, do dia 13 de Agosto de 2014. Nesse dia, notamos a presença do prefeito de Montes Claros, do secretário de cultura, de escritores, artistas, pessoas da comunidade e componentes dos grupos de Congado. As autoridades presentes fizeram discursos. Além disso, foi realizada uma exposição alusiva às Festas de Agosto.

2.3.1.1 Levantamento do Mastro de Nossa Senhora do Rosário

Em Montes Claros, o ponto culminante das Festas de Agosto é o levantamento do mastro, um momento bastante importante e simbólico, haja vista que mistura religiosidade, fé, credences e devoção à Nossa Senhora do Rosário, a São Benedito e ao Divino Espírito Santo.

Todos os grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos se encontram na Associação ou em outro lugar determinado pelos Mestres para buscarem a bandeira na casa do mordomo do santo daquele dia. Os mordomos¹⁵ (ou mordomas) são os guardiões, os quais recebem como função guardar a bandeira do santo de um ano para o outro. A escolha é feita mediante sorteio entre as várias famílias que se inscreveram para o cargo. Os sorteios de reis, rainhas, mordomos e festeiros são feitos pelos grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos. Sarmento (2003, p. 2) pontua que os festeiros, assim como os mordomos,

[...] são escolhidos por sorteio e proclamados durante a missa no ano anterior entre os que se candidataram. A família do festeiro compra os fogos, velas e ainda se responsabiliza em receber em sua casa os grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos, oferecendo-lhes café com biscoitos, licor de pequi e cachaça.

O festeiro organiza também os grupos dos reinados e, em geral, coloca seus filhos ou parentes para desfilarem. Depois de suas apresentações na casa do mordomo, os grupos saem da casa, organizam-se novamente e, cantando e dançando, vão embora, levando a bandeira em direção à Igreja do Rosário¹⁶, onde, então, será erguida.

É no momento do levantamento do mastro que se estabelece o momento sagrado. A respeito disso, Costa (1995) tece as seguintes considerações:

¹⁵ Mendes (2006, p. 67) explica que “os Mordomos são aqueles que organizam e patrocinam um evento religioso. Em Montes Claros, eles são em número de três, e cada um deles se responsabiliza por um dos santos homenageados na Festa. Eles se comprometem a organizar e a patrocinar apenas a etapa destinada a eles. Os Mordomos se responsabilizam também pela restauração e manutenção das bandeiras que serão erguidas pelos mastros, e recebem os grupos do seu santo específico numa visita.”

¹⁶ A Igreja do Rosário fica situada na Praça Portugal, no cruzamento da Rua Governador Valadares com a Avenida Coronel Prates, em Montes Claros.

[...] o mastro, sendo um elemento simbólico de grande importância nas comemorações coletivas, passa a caracterizar o centro energético da festa, constituindo-se no sinal concreto da “axis mundi” que une terra e céus, vivos e mortos, homens e deuses. O indivíduo se liga aos seus santos, aos arquétipos e aos seus antepassados (COSTA, 1995, p. 24).

Essa importância é percebida quando assistimos de perto ao levantamento dos mastros. Esse momento também é considerado sagrado pelos Mestres, uma vez que representa a oportunidade de reverenciar e agradecer aos santos todos os momentos da vida. É nesse instante que o devoto se aproxima da parte mais importante das Festas de Agosto. Corroborando essa percepção, Colares (2006, p.44) aponta que o momento em que os grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos chegam “à igrejainha do Rosário, no ápice da festa – a hora do levantamento do mastro representa a ligação completa dos reinos e o início de um só reino sagrado.”



FIGURA 48 – Igreja do Rosário onde são realizadas as missas de cada santo. Aqui, acontece também a missa de encerramento das Festas de Agosto.
Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2014).

Esse ritual da bandeira é repetido para todos os outros santos, de acordo com a programação estabelecida. Depois, quando todos os mastros são levantados, as bandeiras ficam lado a lado, misturadas aos enfeites da rua, como ilustra a Figura 49. Depois do ritual da primeira bandeira, reis, rainhas, imperador, imperatriz, damas, pajens e os grupos de Congado desfilam protegidos pelos santos de devoção.



FIGURA 49 – Mastros de Nossa Senhora do Rosário, Divino Espírito Santo e São Benedito.

Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2013).

2.3.1.2 Reinado de Nossa Senhora do Rosário

Pela manhã, os grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos se reuniram em frente ao Automóvel Clube, no centro de Montes Claros. Nesse mesmo local, foram organizados os grupos de crianças e adultos que fariam parte do reinado do (a) santo (a) daquele dia. Os componentes (reis, rainhas, pajens e damas) são representados tanto por crianças como por adultos. Geralmente, são os filhos dos festeiros ou parentes. Os cortejos para os

desfiles seguem normalmente o mesmo esquema. Como a corte e o andor do santo são os pontos mais importantes do desfile, é dada a oportunidade para os grupos ficarem mais próximos de seu santo de devoção.

Como se observa na Figura 50, no reinado de Nossa Senhora do Rosário, há uma predominância das cores azul e branca. De acordo com Freitas (2012, p. 4),

[...] a tonalidade do azul predominante nos tecidos, objetos e imagens é popularmente conhecida como “celeste”, ou seja, o azul cerúleo. É uma tonalidade clara do azul, mais aberta, suave e que se aproxima da cor do céu em dia ensolarado, daí a sua denominação. Ela está presente nas bandeiras, cujo brilho e textura do tecido de cetim ressaltam a luminosidade da cor e sua suavidade.

Assim, o azul é apreciado no cortejo da santa, podendo aparecer com variações de tons. Essa é a cor utilizada nas bandeiras, estandartes, andores, vestimentas e ornamentações da Festa. O azul, juntamente com o branco, o vermelho e o rosa, compõem as cores dos santos nos festejos de agosto.



FIGURA 50 – Reinado de Nossa Senhora do Rosário se preparando para o desfile.

Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2013).

Na Figura 50, observamos as rainhas e os reis. Elas usam um vestido longo de saia plissada, com mangas bufantes, luvas brancas, um terço, uma pequena bolsa branca, um leque e uma tiara na cabeça. Os reis usam calça azul, blusa azul de mangas compridas com detalhes em branco e, na altura do peito, um detalhe com pequenos babados, uma espécie de chapéu na cabeça e um bastão na mão, enfeitado nas cores azul, branca e prata. No reinado, os reis são conduzidos dentro de uma cobertura carregada por outras pessoas (os súditos) chamada de pálio. Tanto a roupa da rainha como a do rei possuem uma capa, que é carregada pelos súditos.

No cortejo, os Catopês, devotos de Nossa Senhora, são os primeiros a desfilar (Mestre Zanza e Mestre João Farias). Depois, desfilam os devotos de São Benedito (Mestre Zé Expedito), os devotos do Divino Espírito Santo, os Marujos, os Caboclinhos, os reis e demais componentes da corte, além da Banda do Batalhão da Polícia Militar. O desfile é esperado pelo público nas ruas principais, e o percurso é sempre em direção à igreja do Rosário. Quando todos chegam à Igreja, o padre realiza uma missa, na qual os grupos, em determinados momentos, cantam em homenagem aos santos dos quais são devotos. Após a missa, o festeiro responsável do dia oferece um almoço aos grupos. Depois da refeição, todos vão para casa descansar para retornarem à noite.

2.3.1.3 Reinado de São Benedito / Império do Divino Espírito Santo

Não podemos deixar se salientar que todos os reinados são importantes. Os membros dos grupos trazem em seus trajes muita beleza e sofisticação, o que promove um colorido todo especial ao desfile. Escolhemos descrever os aspectos do dia de Nossa Senhora do Rosário porque o Mestre João Farias e seu grupo são devotos da santa. Como a programação dos cortejos é, em muitos aspectos, semelhantes ao de Nossa Senhora do Rosário, não achamos necessário descrever, neste estudo, o Reinado de São Benedito (Figura 51) e o Império do Divino Espírito Santo (Figura 52) .

Nos trabalhos de Queiroz (2005) e Malveira (2011), encontramos referências a esses reinados. No cortejo do Divino Espírito Santo, a diferença é

que não há rei e rainha, e sim, imperador, imperatriz, príncipes e princesas. No dia do desfile, as cores do santo do dia são predominantes. As cores de Nossa Senhora do Rosário são o azul e o branco; de São Benedito, o rosa e o branco; e do Divino Espírito Santo, o vermelho.



FIGURA 51 – Reinado de São Benedito esperando o horário para desfilar.
Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2013).

Como se vê na Figura 51, a rainha usa um vestido rosa bordado, com saia rodada, detalhes drapeados em outra tonalidade de rosa e rendas, luvas rosa, um leque todo trabalhado com lantejoulas e uma pequena coroa na cabeça. O rei usa calça branca, um colete dourado, um paletó rosa com acabamento em renda e um chapéu rosa bordado na cabeça. Tal como no reinado de Nossa Senhora do Rosário, tanto a roupa da rainha como a do rei possuíam uma capa carregada pelos súditos. Os reis se posicionaram dentro do pálio e foram conduzidos até a Igreja do Rosário.



FIGURA 52 – Momento do desfile do Império do Divino Espírito Santo numa rua central da cidade.

Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2013).

A Figura 52 mostra a imperatriz com um vestido vermelho bordado na frente da saia, arrematado com babados no tom de dourado, e uma coroa na cabeça. O imperador veste calça vermelha de cetim e blusa de manga comprida de cetim, também na cor vermelha. Na frente da blusa, há um acabamento em renda dourada. Na cabeça, ele usa um chapéu arredondado, com enfeites em vermelho e dourado. Como no reinado de Nossa Senhora do Rosário, tanto a roupa da imperatriz como a do imperador possuíam uma capa, que foi carregada pelos súditos. Os imperadores, dentro do pátio, foram também conduzidos até a Igreja do Rosário.

2.3.1.4 Encontro Mineiro de Ternos de Congado

O Mestre Zanza é coordenador das Festas de Agosto e presidente da Associação, além de ser o Mestre de Catopês mais antigo em Montes Claros na atualidade. Ele, juntamente com a Secretaria Municipal de Cultura e a Prefeitura, teve a ideia de promover esses encontros de congados para

trocarem experiências com os congadeiros de diversas regiões mineiras. Tais experiências, com certeza, acabam contribuindo para um enriquecimento cultural muito significativo para todos os participantes.

O Encontro Mineiro de Ternos de Congado acontece sempre na Associação dos Catopês, Marujos e Caboclinhos no último dia das Festas de Agosto. No domingo pela manhã, são esperados grupos de outras regiões para o encontro. Os grupos de Montes Claros e os visitantes, um de cada vez, fazem suas apresentações. Nesse encontro, como parte da confraternização, é servido um almoço para os grupos e pessoas presentes. Em 2013, os grupos convidados não compareceram. Essa ausência, conforme comentários que ouvimos, foi motivada pela falta de verbas para trazê-los.

2.3.1.5 Procissão de encerramento

Todos os grupos de Catopês, Marujos, Caboclinhos, os reinados e a Banda do Batalhão da Polícia Militar, pouco a pouco, foram se reunindo em frente ao Centro Cultural, localizado na área central de Montes Claros. Depois que todos se organizaram, os desfiles começaram a percorrer as ruas demarcadas para a procissão. Em todos os reinados, percebemos a beleza de cada andor do santo que estava sendo homenageado. Nesse festejo, a presença do padre é sempre marcante e nos faz lembrar o verdadeiro sentido da celebração dessa Festa. Depois de percorrerem todo o trajeto, sempre acompanhados pelo público, todos os grupos e reinados vão em direção à Igreja do Rosário, onde é celebrada a missa de encerramento. Em 2013, essa celebração (Figura 53) foi realizada em um palco ao lado da referida igreja. Alguns componentes dos grupos e dos reinados se posicionaram próximos ao padre que celebraria a missa. O público fiel estava lá para receber as bênçãos.



FIGURA 53 – Missa de agradecimento e encerramento da parte religiosa da Festa.

Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2013).

2.3.1.6 Entrega das bandeiras

Todos os grupos se reuniram próximo ao Centro Cultural e desfilaram mais uma vez em direção à Igreja do Rosário. Unidos pela devoção, os membros ficaram próximos às bandeiras. Os Catopês, que são devotos de Nossa Senhora do Rosário, aproximaram-se mais, fizeram suas reverências, cantaram e, depois, desceram a bandeira de Nossa Senhora e entregaram para o mordomo do próximo ano, dando lugar para o próximo grupo. Todos os grupos repetiram esse mesmo ritual, até que as três bandeiras (Figuras 54, 55, 56) foram retiradas e entregues aos seus respectivos mordomos. Vale ressaltar que cada grupo acompanha o novo mordomo com a bandeira até a sua residência e só depois, se desejarem, voltam para casa. Alguns participantes retornam para a Festa, a fim de aproveitarem o restante de sua programação.



FIGURA 54 – Momento da entrega da bandeira de Nossa Senhora do Rosário para a mordoma do próximo ano.

Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2013).



FIGURA 55 – Bandeira de São Benedito, momento da entrega da bandeira para o mordomo. Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2013).



FIGURA 56 – Mordoma do próximo ano segurando a bandeira do Divino Espírito Santo.
Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2013).

3 A INDUMENTÁRIA EM FESTAS RELIGIOSAS

A indumentária em festas religiosas parece não ter sido objeto de discussão recorrente nas pesquisas atuais. Nas artes cênicas, a indumentária é sempre referência, por compor, juntamente com os atores, as cenas teatrais. Ela se mostra interessante também quando o assunto é moda ou desfile de moda. Boa parte dos estudos a respeito de festas religiosas não especifica os trajes de festas, fazendo apenas alusões genéricas a esse respeito.

O estudo da indumentária possibilita conhecer uma determinada época, seu povo, seus costumes e tradições. De acordo com Pereira (2012, p. 63), “o termo indumentária refere-se ao conjunto de trajes utilizados pelos diversos povos nos diferentes momentos da história da humanidade e que não estão sujeitos à mudança como o traje de moda.” O autor explica, ainda, que, a partir do século XII, a indumentária e a moda passaram a coexistir paralelamente.

3.3 Irmandade da Boa Morte

No âmbito das discussões acerca da indumentária em festas religiosas, encontramos o estudo de Castro (2005), no qual o autor buscou analisar o processo de turistização da Festa da Irmandade da Boa Morte, sediada na cidade histórica de Cachoeira, no Recôncavo Baiano. Essa irmandade é uma das confrarias religiosas mais antigas e importantes do país, fundada em Salvador, no início do século XIX. Castro (2005) abordou vários assuntos relacionados à cidade, à memória, à tradição, ao legado cultural, à intervenção e à turistização. Em relação a essa festa, o autor esclarece que a Irmandade da Boa Morte se caracteriza pela Devoção à Nossa Senhora da Boa Morte, da Assunção ou da Glória. A Festa, que também acontece no mês de Agosto, tem duração de cinco dias, mas os ritos fundamentais estão organizados nos primeiros três dias. As vestimentas usadas pelas irmãs estão diretamente ligadas ao cronograma e aos significados dos ritos, como descreve Castro (2005):

No primeiro dia – morte de Nossa Senhora e missa pelas antecessoras já falecidas, noite, as irmãs vestem trajes e indumentárias de baiana, como a bata, camizu (ou camisa de crioula), torço ou *ojá* de cabeça, pano-da-costa¹⁷ sandálias e saias armadas – todas na cor branca em resignação e respeito à Senhora morta. Não há joias ou adereços, apenas as guias dos orixás.

No segundo dia – Missa de Corpo Presente e enterro –, noite, o vestuário é caracterizado pelos trajes de gala e beca das irmãs. A indumentária de gala tem três cores básicas: o preto, o branco e o vermelho. A saia é preta e plissada, a camisa branca e engomada em *richelieu* e uma faixa vermelha que fica virada para o lado negro da roupa em sinal de luto. Neste dia, aparece o bioco – pano ou mantilha que envolve boa parte da cabeça, deixando apenas o rosto do lado de fora.

Para o terceiro dia – Assunção e Glória -, manhã, após a missa solene, as irmãs saem em procissão pelas ruas com saia preta, parte superior em branco e uma peça de pano vermelha – simbolizando a vida, a força – Neste dia, a beca é virada para o lado vermelho e na cabeça o torço. As joias são acrescentadas ao vestuário num sinal de Festa, riqueza e grandeza (CASTRO, 2005, p. 82-83).



FIGURA 57 – Missa no Dia de Assunção.

Fonte: Acervo particular. Fotografia: Armando Costa (2005 p. 69).

¹⁷ De acordo com Torres (2004, p. 4), o pano-da-costa “é uma peça retangular, tecida de algodão, lã, seda ou rafia, às vezes, em dupla associação desses elementos. Vindo da África e muito usado pela crioula baiana.”

Assim, a Irmandade da Boa Morte, por meio de seu vestuário, mostra que as cores são bem representativas no ritual da festa: o branco significa resignação e respeito; o preto, luto; e o vermelho, vida e força. A festa é composta por missa, procissão, ceias e samba de roda, sempre seguindo e respeitando as tradições deixadas pelas irmãs que fundaram a Irmandade.

Em seu trabalho, Castro (2005, p. 170) concluiu que

[...] não se pode adiar a formulação urgente de uma política de sensibilização turística para a comunidade cachoeirana, apresentando à mesma a história e relevância sociocultural da Irmandade para a sociedade baiana, assim como sua possibilidade de interferência no desenvolvimento econômico de Cachoeira, através da atividade turística sustentável.

Em seguida, discorreremos sobre os Catopês de Bocaiúva, outra manifestação do Congado no Norte de Minas Gerais.

3.4 Catopês de Bocaiúva

Retornando ao universo do Congado, relembramos as palavras “ternos” e “guardas” como sinônimos de “grupos”. Em muitas regiões brasileiras, há grupos semelhantes aos de Montes Claros. Em Bocaiúva, cidade muito próxima a Montes Claros, o Congado é representado apenas por ternos de Catopês. Segundo Ramos (2010, p. 2), em Bocaiúva, atualmente, existem dois ternos de Catopês:

[...] o Terno de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, comandado pela Mestre Lucélia Pereira; e o Terno do Divino Espírito Santo, comandado pelo Mestre Jocelino Rodrigues. Ambos revivem as Festas e manifestações celebradas por seus antepassados há mais de 150 anos.

A princípio, conforme Ramos (2010, p. 19), existia um único grupo de Catopês em Bocaiúva. Depois, esse grupo foi dividido em dois. Para serem identificados, ocorreram algumas mudanças em suas vestimentas: “O grupo de Nossa Senhora do Rosário continuou usando a roupa original, calça branca e

camisa azul, e o terno do Divino Espírito Santo passaria a usar uma roupa nova, calça branca e camisa vermelha.” As Festas ocorrem em períodos diferentes: a de Nossa Senhora é realizada em outubro, e a do Divino, em junho. No mesmo período em que surgiu a Festa de São Benedito, comemorada em abril, aconteceu outra mudança no vestuário, por influência do padre: “O terno de Nossa Senhora do Rosário passou a usar roupas na cor rosa para os homens e o branco para as mulheres; o do Divino Espírito Santo padronizou calça branca e camisa vermelha para homens e mulheres” (RAMOS, 2010, p. 20). Esses grupos de Bocaiúva (Figuras 58 e 59), são sempre convidados a participar dos festejos das Festas de Agosto em Montes Claros, Figuras 58 e 59.



FIGURA 58 – Terno de Catopês de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Os homens usam calça e camisa rosa, e as mulheres, roupas brancas. Todos usam capacetes com penas e fitas de cetim coloridas.
Fonte: Ramos (2010).



FIGURA 59 – Terno de Catopês do Divino Espírito Santo. Alguns Catopês usam calça branca com camisa vermelha; outros trajam calça branca e camisa azul. Todos usam chapéu com penas, mas quem carrega o estandarte usa um chapéu dobrado na testa, enfeitado com lantejoulas.
Fonte: Ramos (2010).

Depois de discorrer sobre a Festa de Bocaiúva, Ramos (2010) encerra seu livreto “Catopê: o Rosário de Bocaiúva” expondo a sua intenção de contribuir e dar visibilidade aos ternos de Catopês, suas festas e suas práticas.

3.5 Arturos

Outra festa religiosa acontece na cidade mineira de Contagem. A história da comunidade dos Arturos nos remete ao período colonial, responsável pelos anos de escravidão no Brasil. Os Arturos têm sua origem ligada ao filho de escravos Arthur Camilo Silvério, cujo nome representa a filiação dada aos seus descendentes. O grupo dos Arturos é composto por duas guardas: a Guarda do Congo e a Guarda de Moçambique (Figura 61).

Sant’Anna (2007, p. 108) explica que a Guarda de Moçambique é:

[...] composta pelos adultos mais velhos, pelas crianças e pelos capitães que seguem orientados pelo bastão, símbolo de comando da guarda nessa função. Eles são os responsáveis por conduzir reis e rainhas, esses, os últimos do cortejo. Sobre a roupa branca, a Guarda veste saíotes, traz na cabeça um lenço - turbante branco, enquanto no peito, o terço e o rosário cruzados compõem a indumentária.



FIGURA 60- Fotografia de Eustáquio Neves: imagem da Guarda de Moçambique – Série Arturos, 1993.

Fonte: SANT'ANNA (2007).

Para comemorar a Festa de Nossa Senhora do Rosário, com suas particularidades e simbologias regionais, os congadeiros da região de Contagem (MG) apoiaram-se na origem da lenda reproduzida por várias gerações sobre o surgimento da imagem de Nossa Senhora encontrada nas águas.

No cortejo da Festa, há uma hierarquia: a Guarda do Congo é a primeira a sair, abrindo os caminhos para os cortejos. No entanto, segundo Lucas (2002), os moçambiqueiros são os primeiros na hierarquia, porque foram eles, com seus tambores sagrados, que conseguiram retirar a santa da beira da água, e não a Guarda do Congo. Ainda sobre a festa da comunidade dos Arturos, Sant'Anna (2007, p. 107) relata que “os festejos do Reinado incluem levantamento de mastros, novenas, danças, cortejos, coroação de reis e rainhas.”

Observando a Figura 60, percebemos que, embora a santa de devoção seja a mesma, os trajes e adereços são bem diferentes dos usados pelos grupos de Montes Claros. Os Arturos usam calça e camisa branca de algodão, um saiote com acabamento em renda sobre a calça, um turbante branco na cabeça, um rosário e um terço cruzados no peito. Os Catopês, por sua vez, usam calça e jaqueta em oxford branco ou camisa branca de algodão. Na cabeça, usam um capacete com penas de pavão e fitas coloridas. Nas Festas de Agosto de 2013, os Arturos, juntamente com outros grupos de Minas Gerais, participaram dos desfiles e do Encontro Mineiro de Ternos de Congado realizado em Montes Claros.

4 OS TRAJES DO MESTRE

A intenção de investigar as vestimentas de uma pessoa nos trouxe muito receio. O que poderia nos revelar um objeto como esse? Quais os significados poderíamos extrair do estudo de vestimentas especialmente utilizadas somente em desfiles? Como registrar as observações e como analisá-las? Todas essas preocupações povoaram nossas mentes. Para um melhor entendimento, expomos as reflexões propostas por Andrade (2008, p. 27), segundo o qual

[...] estudar objetos, como roupas e os tecidos de que são feitos, exige certas habilidades que diferem do modo de análise de outros tipos de documentos, como os textuais e icnográficos. Analisar um vestido não é o mesmo que analisar sua fotografia, assim como não seria o mesmo que analisar a sua descrição.

Assim, analisar o traje de festa do Mestre João possibilita uma interpretação mais consistente, diferentemente de analisar apenas a sua imagem fotográfica. Pereira (2012, p. 22) esclarece que

[...] o termo traje tem sua origem etimológica na palavra portuguesa arcaica trager, do verbo trazer: trazer algo para si, que de alguma forma tem pertinência no que diz respeito a criar identidade, termo muito abordado por teóricos no estudo da indumentária e moda.

Criar identidade certamente se aplica ao nosso objeto de estudo, visto que o traje usado pelo Mestre o identifica como componente de um grupo de Congado. Além disso, de acordo com Cruz, Menezes e Pinto (2008, p. 24), “os adereços e indumentárias produzidos e usados nas festas populares também são carregados de simbologia, traduzem a herança cultural e são entendidos como bens simbólicos.”

Depois de desmarcar vários encontros por falta de disponibilidade do Mestre João Farias, finalmente, no dia 4 de abril de 2014, conseguimos conversar com ele. A ideia que tínhamos de uma entrevista semi estruturada, planejada, acabou não surtindo efeito. Assim, deixamos o Mestre narrar espontaneamente, ao percebermos que ele ficava preocupado com as respostas

que poderia dar. O fato de estar diante de uma professora pareceu intimidá-lo. Nesse sentido, cumpre salientar que é interessante perceber que nem sempre conseguimos o que planejamos. Nossa ideia inicial era fazer a entrevista e levar os trajes para casa, na intenção de fotografá-los. Ficamos desapontados quando o Mestre se recusou a emprestá-los, alegando precisar deles caso surgisse um compromisso inesperado. Conformada com a situação, registrei as imagens em um espaço relativamente pequeno, que não possibilitava explorar vários ângulos.

Nesse dia, o Mestre falou a respeito dos tecidos usados pelos Catopês, mas não soube precisar quando houve as mudanças, pois ele não se lembrava das datas. Sem saber exatamente a ordem em que ocorreram as mudanças de tecidos, ele informou que, no início dos festejos, os trajes foram feitos de panos de sacaria brancos, que acondicionavam farinha de trigo. Depois, vieram o brim, o linho, o tergal e, finalmente, o oxford¹⁸, considerado por ele o melhor tecido para uma lavagem mais rápida. Ele disse que, na época em que começou a “brincar” de Catopê, cada um comprava a sua roupa, que era feita de brim branco. Ao contrário de outros brincantes, até hoje, o Mestre assume as despesas de sua roupa, assim como o seu irmão e seu neto. Eles preferem não depender da ajuda da Prefeitura que, às vezes, demora a repassar o dinheiro destinado aos trajes e adereços. O Mestre demonstrou que gosta de tudo organizado e bem arrumado, e fica todo vaidoso quando recebe elogios.

Ao ser questionado se os tecidos seriam sempre novos, ele respondeu que sim, que prefere não utilizar a roupa do ano anterior, porque a brancura não é a mesma, o que pode destoar dos trajes dos demais grupos. Ele se mostra um pouco exigente quando faz a opção por um alfaiate para confeccionar seus trajes (média de 4 trajes) e de seus parentes, o irmão e o neto (2 trajes cada). Os trajes dos demais componentes são feitos por costureiras, porque ficam mais em conta, já que a verba da Prefeitura não seria suficiente para pagar o alfaiate e as outras despesas, como a confecção dos capacetes, por exemplo.

Mestre João disse que, nos outros anos, ele e os outros Mestres combinaram de recolher os trajes dos participantes para guardarem. Além de não

¹⁸ “A composição do Oxford tecido é 100% poliéster, por isso não amassa com facilidade, o que aumenta a sua praticidade. Disponível em ampla variedade de fibras, peso, cores, lisos ou estampados” (OXFORD TECIDOS, 2013).

conseguirem recolher todos os trajes, surgiram eventos de última hora, e aí eles tiveram que devolver o traje para cada participante. Depois de perceberem que isso daria mais trabalho, os Mestres desistiram da ideia de recolher os trajes após as Festas. Assim, eles mandam confeccionar os trajes e os repassa a cada pessoa, que se responsabiliza por guardá-los depois da Festa. O Mestre acredita que, guardando a roupa, o participante fica com o compromisso de comparecer nos festejos e nos demais eventos. Sem nenhuma despesa, ele espera que o brincante dê o seu melhor, seja na reza, na dança, no canto ou no uso de algum instrumento musical.

O Mestre deixa claro que ele não costuma reaproveitar suas roupas de um ano para o outro, mas se o Catopê tiver um pouco de capricho e conservar com cuidado o seu traje, poderá usá-lo no ano seguinte, sem problema. Ele esclareceu que sua camisa é, na verdade, uma jaqueta. Ele e alguns participantes usam o mesmo modelo, que poderá se estender para os demais brincantes, na intenção de virar o uniforme do grupo. Com isso, ele deixa transparecer que se sente no mesmo nível dos demais, embora a sua carga de responsabilidade seja bem maior. O uso de camisas de cetim com as cores dos santos (vermelha, rosa ou azul) é permitido no dia do cortejo de cada santo, mas parece que todos os participantes, bem como o Mestre, preferem basicamente o branco.

Questionado se teria um ritual para vestir o traje, ele afirmou que não, deixando claro que a roupa é um elemento integrante, cujas cores remetem aos santos, mas não haveria nenhuma cerimônia ou reza para usá-la. A devoção e a fé são manifestadas quando o Catopê veste o traje de festa, reza, canta, dança e faz reverências aos santos devotados. O Mestre afirmou que a fé é preservada pelos participantes mais antigos, numa referência à tradição da Festa, e que os jovens participam de forma menos comprometida com a crença. Muitos componentes ficam um curto período no grupo, mas alguns, depois de certo tempo, retornam.



FIGURA 61 – Mestre João mostrando seu traje de festa: calça social de oxford, com dois bolsos na parte da frente, duas pregas, dois bolsos na parte de trás e cós com passadores para cinto; e jaqueta branca de oxford, com mangas compridas, punho, dois bolsos na altura do peito e duas plaquetas na altura dos ombros para segurar a faixa azul posicionada no sentido diagonal na parte da frente e das costas; os botões são de metal prata.

Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2014).

Como se vê na Figura 61, o Mestre João está vestido com o seu traje completo de festa, constituído por calça social, jaqueta e botina preta. Na cabeça, ele usa um capacete com fitas e penas de pavão.



FIGURA 62 – Jaqueta branca de oxford, com mangas compridas e detalhe no ombro, abotoamento no punho, dois bolsos, base trespessada e botões em metal.
Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2014).

Nem sempre os Catopês usaram jaqueta; em outras épocas, eles chegaram a usar paletó. A jaqueta retratada na Figura 62 é feita em tecido oxford branco, toda costurada à máquina. Possui mangas compridas, punho abotoado com dois botões de metal prata, além de dois bolsos, com lapela e um botão. Na parte do ombro, há uma plaqueta (termo utilizado pelo alfaiate) para prender a faixa de cetim. Como já dito, boa parte dos Catopês usa o mesmo modelo de jaqueta do Mestre. É comum encontrarmos pessoas desfilando também com camisa e calça social branca.

A jaqueta usada pelo Mestre e alguns componentes lembram o uniforme militar. De acordo com o site da Wikipédia (2014),

[...] uniforme militar é a vestimenta padronizada e regulamentada, usada pelos membros das forças armadas. O uniforme é um dos principais símbolos que representam a profissão militar. Ele reflete o valor e a tradição, contribui para a elevação da autoestima, solidifica a hierarquia e a disciplina, potencializa a manifestação de força e transmite, subjetivamente, um ideal de igualdade onde todos são nivelados, independentemente de origem ou condição (WIKIPÉDIA, 2014).

Ao comparar o traje do Mestre João Farias com o traje militar, notamos que eles se assemelham na aparência e no conceito acima descrito. O Mestre reflete o valor e a tradição dos Catopês pela hierarquia e poderia usar um traje mais destacado que os demais participantes. No entanto, ele deixou claro na entrevista que os brincantes têm a liberdade de usar um traje como o dele. Seu desejo é que todos tivessem o mesmo modelo de trajes para mostrar ao público, o que traria uma imagem harmoniosa. A inserção de componentes (pesquisadores ou pessoas da comunidade) que aderem ao grupo pouco tempo antes das festividades dificulta essa padronização do uniforme, pois eles acabam optando por camisas e calças sociais. Por outro lado, o Mestre considera que o mais importante é o empenho de cada um nos desfiles.



FIGURA 63 – Na diagonal, atravessando a frente e o verso da jaqueta, há uma faixa azul de cetim bordada com pedrarias em vermelho.

Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2014).

A faixa, na cor azul celeste, mede aproximadamente 0,12 X 1,50 cm, é presa à plaqueta da jaqueta, no ombro, e atravessa a extensão do corpo na frente, no sentido diagonal. É bordada com pedrarias na cor vermelha e possui um acabamento em cordonê dourado. A cor azul faz menção a Nossa Senhora do Rosário. Em nossos estudos, não encontramos informações a respeito do uso da faixa dos mestres de Catopês e de alguns componentes dos grupos. Como os mestres permanecem por muitos anos na mesma função e as faixas são sempre novas, mudando de cores e adereços, acreditamos que não são passadas de mestre para mestre, como acontece com alguns chefes de estado. De acordo com Singer (1994, p.2) “o presidente que deixa o cargo recebe o sucessor na porta do Palácio e depois passa a faixa. A faixa presidencial carrega as armas nacionais e um broche com a representação feminina da República.” Singer

aponta, também, que o juramento constitucional perante o Congresso é obrigatório, já a transmissão da faixa é opcional.



FIGURA 64 – Calça comprida social de oxford branca (frente).

Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2014).



FIGURA 65 – Calça (costas).

Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2014).



FIGURA 66 – Detalhe: frente da calça.

Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2014).



FIGURA 67 – Detalhe: lateral da calça.

Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2014).



FIGURA 68 – Detalhe: bolso da calça.

Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2014).

Conforme demonstram as figuras 64 e 65, a calça é comprida, de tecido oxford branco, com dois bolsos laterais, chamados de bolso faca, além de duas pregas. Contém um cóc com passadores para colocar cinto e uma espécie de fita com fivela para ajustar a cintura em ambos os lados. Na parte de trás, há dois bolsos embutidos. Como o tecido é branco, torna-se difícil indentificar detalhes nas fotografias.



FIGURA 69 – Botina de couro preta do Mestre.

Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2014).

O Mestre não faz exigências quanto ao uso de sapatos para desfilar. Muitos Catopês usam sapatos, outros preferem tênis. Para enfrentar os longos trajetos que faz no período das Festas, Mestre João prefere uma botina preta de couro, como se vê na Figura 69.



FIGURA 70 – Para completar o figurino, um belo capacete.

Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2014).

O capacete é um ornamento importante para compor o figurino do Mestre. Ele é feito de papelão em formato cilíndrico, onde foram coladas bolas de metal prata ou dourada, fazendo um contorno nas extremidades. Existem áreas coloridas com bolinhas peroladas, formando um desenho que não foi possível identificar direito. Na parte superior do capacete, penas de pavão contornam todo o cilindro. Presas à parte de trás do cilindro, estão as longas e coloridas fitas de cetim. Em sua pesquisa, Queiroz (2005, p. 51) menciona os capacetes usados pelos Catopês:

Os capacetes, adereços enfeitados com fitas coloridas, miçangas, espelhos e penas de pavão, são elementos importantes da configuração visual dos ternos de Catopês. A composição do capacete não tem uma estrutura única, variando entre os três ternos e até mesmo entre os integrantes do mesmo grupo.

O Mestre João conta com ajuda do neto para confeccionar os capacetes dele e de todos os componentes do grupo. Quando o assunto é a confecção das roupas, o Mestre não dispensa os serviços de um bom alfaiate, que já se tornou também seu amigo.

O alfaiate

Investigando a respeito de roupas, constatamos que, apesar da profissão de alfaiate¹⁹ ser antiga, esse profissional é ainda requisitado por muitas pessoas atualmente. No mundo da moda, a figura do alfaiate foi valorizada pelo estilista Charles Frédérick Worth, em 1857. De acordo com Baldini (2006, p. 8), ao inaugurar uma loja em Paris, Worth teria transformado “de repente o alfaiate, artesão repetitivo e tradicional, num criador, gênio artístico moderno.” Ao colocar em sua loja vestidos já confeccionados, ele queria afirmar “o princípio de que o alfaiate, e não quem veste o vestido, é o *verdadeiro senhor da Moda* e, portanto, não trabalha à ordem de um cliente, por mais ilustre que seja” (BALDINI, 2006, p. 8). Desse modo, o alfaiate se tornou uma espécie de empresário autônomo, que negocia no mercado sem precisar agradar a ninguém. Worth criou também o conceito de estação e, com ele, a moda do vestuário transformou-se num espetáculo (BALDINI, 2006).

Para uma melhor compreensão a respeito do que faz um alfaiate, recorreremos ao site Brasil Profissões, que explica:

Alfaiates são profissionais que desenham, cortam, costuram e reformam roupas. Há os que trabalham como autônomos, atendendo clientes em casa ou costurando peças por encomenda, e os que são empregados de indústrias de confecções, nas linhas de montagem de roupas. Podem ainda trabalhar em lojas,

¹⁹ “A palavra alfaiate, assim conhecida na Língua Portuguesa, é derivada do árabe *alkhayyât*, do verbo *kháta* que significa coser. A profissão de alfaiate é das mais antigas do mundo. Desde os primórdios, no Egito, posteriormente na Grécia e Roma, durante a Idade Média e Renascença foi das mais importantes pela influência de seus exercentes no âmbito social dos que bem vestidos se apresentavam” (BRASIL PROFISSÕES, 2014).

efetuando consertos, alargando ou ajustando as peças prontas ao corpo do cliente, ou na confecção de figurinos para espetáculos. Já os alfaiates tradicionais têm seu próprio ateliê (BRASIL PROFISSÕES, 2014).

Senhor João Pedro (Figura 71) executa justamente essas tarefas de desenhar, cortar, costurar e reformar roupas. Quando não morava em Montes Claros, chegou a trabalhar em uma indústria de confecções em São Paulo. Depois de um primeiro contato, no qual ele ficou ciente dos objetivos da pesquisa, procurei o senhor João Pedro no dia 31 de maio, em sua alfaiataria, para uma conversa mais longa a respeito dos trajes do Mestre João Farias.



FIGURA 71 – João Pedro Sobrinho em sua alfaiataria. Ele tem 74 anos de idade.

Fonte: Acervo particular. Fotografia: Suely Lopes de Queiroz Ferreira (2014).

João Pedro Sobrinho é um alfaiate que trabalha há 55 anos nessa profissão. Costura tanto roupas masculinas como femininas. Gosta muito do que faz e fica feliz quando consegue confeccionar uma roupa que satisfaz ao cliente. Segundo “Seu” João Pedro, expressão normalmente usada para denominá-lo, ele

costura há cerca de 15 anos para os Catopês. No passado, chegou a costurar para outros grupos participantes das Festas de Agosto, mas faz algum tempo que ele só costura para o Mestre João e os componentes de seu grupo. Informou que costura para o Mestre João Farias não somente o traje de festa, mas também algumas roupas usadas no dia-a-dia, e que o Mestre é exigente e gosta de uma costura bem feita. As roupas são todas confeccionadas na máquina de costura. Os modelos dos trajes dos componentes costurados por ele são iguais aos do Mestre: jaqueta de manga comprida e calça social de oxford branco.

Nem todos os Mestres utilizam o serviço do alfaiate; muitos recorrem a costureiras ou pessoas da família. O Mestre Expedito, dos Catopês de São Benedito, conta com a colaboração “da filha que costura as roupas dos Catopês e as roupas dos familiares que geralmente fazem parte do Reinado” (MALVEIRA, 2011, p. 105). Nota-se, assim, que os grupos se organizam de formas diferentes no que se refere à confecção das vestimentas para as Festas de Agosto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura de um povo é construída e representada por símbolos, significados e sentidos comuns a todos. A valorização e a socialização desses bens culturais favorece a interação entre grupos e comunidades.

Por intermédio da compreensão das características próprias e particulares inerentes à nossa cultura, assim como das relações com as outras, podemos refletir sobre nossa sociedade e sobre a realidade na qual estamos inseridos. Considerando que o conceito de cultura pode gerar vários entendimentos, Martins (2011, p.136) pontua que “ela oferece um esquema dinâmico sobre o modo como vivemos nossas vidas e restringe nossas possibilidades de compreender e agir. Por isso é de extrema importância aprender sobre a cultura e os valores do outro.” Quando pessoas de diferentes lugares se encontram e dialogam, há uma troca muito significativa de experiências e saberes. A dança, a música, hábitos, expressões assim como outras manifestações têm o poder de influenciar o modo de viver e de ser de um indivíduo ou grupo. Ter consciência de pertencimento e reconhecer-se como parte integrante de um determinado grupo torna-se fundamental para que cada indivíduo se localize e sinta-se como componente de uma cultura. Fazer parte de um grupo, além de contribuir para uma evolução pessoal, propicia também um desenvolvimento social e coletivo. Quando nos referimos ao coletivo, podemos dizer que as festas se apresentam como uma das formas mais acessíveis no relacionamento com os outros.

Nesta perspectiva, a manifestação do Congado em Montes Claros, representado pelos grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos, é de grande importância para o crescimento e fortalecimento da cultura dessa cidade. Consideradas patrimônio intangível, as “Festas de Agosto” precisam ser valorizadas e protegidas pelos órgãos competentes. No ato de homenagear seus santos (Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e o Divino Espírito Santo) as Festas católicas de Agosto, entre tantas festas que acontecem em Montes Claros, certamente, são as mais esperadas, por propiciarem uma movimentação e um colorido todo especial às ruas da cidade, reforçando a fé, a devoção e a tradição.

Neste universo cultural, o percurso metodológico feito na busca de informações foi uma viagem instigante. Informações dos jornais mais antigos de

Montes Claros revelaram que as Festas de Agosto são práticas antigas, guardadas na memória de muitos habitantes da cidade. Dinâmicos, esses festejos são revigorados por interferências diversas, justificando sua permanência até os dias atuais.

Quando nos propusemos a estudar os trajes de festa do Mestre João Farias, do terno de Catopês de Montes Claros, a nossa preocupação maior foi em transcrever todas as informações coletadas e contidas no objeto/roupa. Para a investigação desses trajes, optamos por acompanhar todos os momentos das Festas de Agosto do ano de 2013, com o intuito de nos posicionar como etnógrafa turista. Isso foi importante, porque o nosso olhar foi diferente daquele que tínhamos anteriormente. Adotamos uma visão mais investigativa e amadurecida pelas pesquisas e pelas discussões com a orientadora e com os colegas do Mestrado

Depois de vivenciarmos todo o desenrolar do festejo, até a entrega da bandeira para o ano seguinte, passamos então a investigar, junto ao Mestre João Farias, a respeito da indumentária utilizada na festa. As entrevistas com o Mestre e seu alfaiate trouxeram informações relevantes para a compreensão de vários aspectos, como os tecidos usados, cor, modelos, costura, etc.

A descrição dos trajes das festas, realizada mediante observação das fotografias, foi muito relevante, embora alguns detalhes não tenham sido observáveis, em virtude da pouca nitidez de alguns registros fotográficos. Ter o objeto em mãos foi uma experiência muito rica e significativa. Manusear o traje do Mestre João, observar sua textura, sua cor, costura e acabamento foram experiências diferentes. A investigação das relações entre cultura e devoção, perceptíveis nos trajes de festa do Mestre João Farias, foi desafiadora, tendo em vista a possibilidade de fazer emergir significados diversos e intangíveis, principalmente religiosos.

O traje do Mestre João Farias apresenta uma simbologia que, de acordo com Pereira (2012. p. 22), “é algo de pertencimento, apropriação identitária.” A vestimenta deixa de ser simplesmente um acessório e se transforma em um elemento integrante incorporado, a pessoa que a veste, o mestre, aquele que organiza, comanda, o líder que puxa o cortejo dos dançantes.

Embora a fé e a devoção não sejam elementos visíveis nos trajes, nas fitas coloridas e no capacete, acreditamos que eles existam de maneira invisível e não alteram o sentido e a dimensão espiritual da manifestação.

Dessa forma, diante de tanta riqueza, nossa investigação nos levou a perceber que o Mestre João e seu grupo, quando usam o traje de festa, são envolvidos em uma atmosfera sagrada, na qual a fé e a devoção se manifestam. As pessoas da comunidade e até mesmo os visitantes, quando vestem a indumentária do Catopê, em sua maioria, são conduzidos pela intenção de demonstrar a devoção aos santos. Assim, consideramos que, de maneira invisível, o traje de festa do Mestre João Farias carrega a cultura, a devoção e a fé demonstrada por ele. Os referidos trajes possibilitam levantar inúmeros questionamentos e um estudo mais profundo, servindo como material de pesquisa, auxiliando futuros estudiosos na busca para novas reflexões no âmbito estético e artístico. Além disso, destacamos o valor social do tema e a necessidade de se investir em estudos que abordem as questões visuais e as dimensões simbólicas dos grupos de Congado e de suas indumentárias.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Miriam Walderez Oliva de. Caboclinhos: Prática Espetacular em Dias de Festa. **IV Congresso de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas 2010**. Disponível em: <<http://portalabrace.org/vicongresso/etnocenologia/Mirian%20Walderez%20Oliva%20de%20Abreu.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2014.
- AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à Brasileira Significados do festejar, no país que “não é sério”**. 1998. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo.
- ANDRADE, Rita Moraes de. **Boué Soeurs RG7091**: a biografia cultural de um vestido. 2008. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo.
- AVOL. **25 de março**: Dia do Maracatu é celebrado nesta terça-feira com cortejo pelo Centro da Cidade. 23 mar. 2014. Disponível em: <http://www.antonioviana.com.br/2009/site/ver_noticia.php?id=102362>. Acesso em: 31 mai. 2014.
- BALDINI, Massimo. **A invenção da moda**. Arte & Comunicação, 2006.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- BELTRÃO, Giovanna. Tambores que batem por Nossa Senhora do Rosário. **Agência de notícias cavaleiro de Jorge**. 1º ago. 2010. Disponível em: <<http://encontrodeculturas.com.br/2010/noticiasDetalhe.php?id=414>>. Acesso em: 1º mai. 2014.
- BLOG ARTEFATOS. **Demolições e destruições aos montes**. 4 dez.2013. Postado por Raquel Mendonça. Disponível em: <<http://patrimonioculturalmoc.blogspot.com.br/2013/12/destruicoes-e-demolicoes-aos-montes.html>>. Acesso em: 14 abr.2014
- BLOG PORTO FREIRE. **Feste Junina Sim Senhor**. 21 jun. 2013. Disponível em: <http://www.portofreire.com.br/blog/index.php?option=com_content&view=article&id=346:festa-junina-sim-senhor&catid=7:dicas&Itemid=7>. Acesso em: 1º jun. 2014.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Cultura na rua**. Campinas, SP: Papirus, 1989.

_____. **Prece e folia**: festa e romaria. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2010.

BRASIL PROFISSÕES. **Alfaiate**. Disponível em:
<<http://www.brasilprofissoes.com.br/profissoes/p/alfaiate#.U9KIC-NdVW0>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

BRASIL PROFISSÕES. **Profissões setor da economia**. Disponível em:
<<http://www.brasilprofissoes.com.br/profissoes/setor-da-economia/industria/alfaiate#.U9KeLeNdVW0>>. Acesso em: 27 jun. 2014.

BRITO, Giovannia. **Campina Grande desbanca destinos tradicionais do Nordeste**. Turismo em Foco. 30 mar. 2014. Disponível em:
<<http://www.turismoemfoco.com.br/noticia/16783-campina-grande-desbanca-destinos-tradicionais-do-nordeste.html>>. Acesso em: 30 mai. 2014.

BUENO, Silveira. **Dicionário da Língua portuguesa**. 2ª ed. São Paulo: FTD, 2007.

CABRAL, M.S.A. **Claros e Escuros**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar na modernidade. 4ª ed. SP. Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2002.

CASTRO, Armando Alexandre Costa de. **A Irmandade da Boa Morte**: memória, intervenção e turistização da festa em Cachoeira, Bahia. 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia.

COLARES, Mona Lisa Campanha Duarte. **A Tradição no Mundo Contemporâneo**: Análise dos Caboclinhos Montes-clarenses. Terno de Congado das Festas de Agosto. 2006. Dissertação (Mestrado) – UNIMONTES, Montes Claros.

COSTA, João Batista de Almeida. Os Catopês de Montes Claros. In: **Cadernos de Agosto**, v. 3. Leonardo Palma Avelar (Org.). Montes Claros, 2005.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRUZ. Mércia Socorro Ribeiro; MENEZES. Juliana Santos; PINTO, Odilon. Festas Culturais: Tradição, comidas e celebrações. **I Encontro Baiano de Cultura. I EBECULT – FACOM/UFBA**. Salvador-BA, em 11 de dezembro de 2008. Disponível em: <http://www.uesc.br/icer/artigos/festasculturais_mercia.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2013.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

ELÍADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FARIAS, João Batista. Entrevistado pela autora em 04 de abril de 2014. Suporte: gravador digital.

FC NOTÍCIAS. **Família Real Brasileira**. Disponível em: <<http://www.fcnoticias.com.br/familia-real-brasileira>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

FREITAS, Sicília Calado. **Cultura, Etnografia e Imagem no Ensino de Artes Visuais**. 19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plástica “Entre Territórios”, 20-25 set. 2010, Cachoeira, Bahia. Disponível em: <www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/ceav/sicilia_calado_freitas.pdf>. Acesso em: 13 set. 2013.

_____. **Sob o Manto azul de Nossa Senhora – Pelas vias das dúvidas**. Disponível em: <pelasviasdaduvida2.files.wordpress.com/.../sicc3adlia-calado-freitas-sob->. Acesso em: 17 fev. 2014

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. São Paulo: Global, 2006.

G1 BAHIA. **Baianos reverenciam Santa Bárbara e lansã em dia festivo em Salvador**. 4 dez. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2012/12/baianos-reverenciam-santa-barbara-e-iansa-em-dia-festivo-na-bahia.html>>. Acesso em: 20 mai. 2014.

GAZETA NORTE MINEIRA. **Casarões da rua Justino Câmara correm o risco de desabamento**. 11 abr. 2014. Disponível em: <<http://www.gazetanortemineira.com.br/colunas-especiais/cultura/2014/04/casaro-es-da-rua-justino-camara-correm-o-risco-de-desabamento.html>>. Acesso em: 14 abr. 2014.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1995.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. Inúmeras cabeças: tradições afro-brasileiras e horizontes da contemporaneidade. In: FONSECA, Nazaré Soares. **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. **Negras raízes mineiras**: os Arturos. Belo Horizonte: EDUFJF, 1988.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A Retórica da Perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, Materialidade e Subjetividade: As culturas como patrimônios. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 11, n. 23, p. 15-36, jan./jun. 2005.

GRAY, David E. **Pesquisa no mundo real**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. 2ª ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Cidade de Montes Claros**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?lang=&codmun=314330>>. Acesso em: 4 out. 2013.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Registro**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=17741&sigla=Institucional&retorno=paginaInstitucional>>. Acesso em: 2 mai. 2014.

JORNAL CORREIO DO NORTE. Montes Claros, p. 3, 17 de agosto de 1884.

JORNAL CORREIO DO NORTE. Montes Claros, p. 3, 24 de agosto de 1884.

JORNAL DA SECRETARIA DE CULTURA de Montes Claros, p. 3, 1998.

JORNAL DE MONTES CLAROS. Montes Claros, p. 3, 23 de agosto de 1917.

JORNAL DE MONTES CLAROS. Montes Claros, p. 3, 17 de agosto de 1916.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 19^a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

LIGIÉRIO, Zeca. **Entrevista**. O que é estudos da performance? 2011. Disponível em: <<http://scalar.usc.edu/nehvectors/wips/zeca-ligiero-portuguese>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

LUCAS, Glaura. **Os Sons do Rosário**: O congado Mineiro dos Arturos e Jatobá. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MACEDO, Robson Antônio. **Congada de Catalão**. GO/2007.

MALVEIRA, Ricardo Ribeiro. **Os Catopês de São Benedito em Montes Claros**: Rastros de uma Ancestralidade Mineira Negra e Festiva. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia.

MENDES, Jean Joubert Freitas. **Música e religiosidade na caracterização identitária do Terno de Catopês de Nossa Senhora do Rosário do Mestre João Farias em Montes Claros-MG**. 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia.

MONTESCLAROS.INFO. **Montes Claros**. Disponível em: <<http://www.montesclaros.info/>>. Acesso em: 17 nov. 2013.

OLIVEIRA, Cristian Dennys Monteiro de. Festas Populares religiosas e suas dinâmicas espaciais. MERCATOR. **Revista de Geografia da UFC**, v. 6, n. 11, 2007, p. 23-32. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/2736/273620627004.pdf>>. Acesso em: 8 jan. 2014.

OXFORD TECIDOS. **Tecido Oxford**. Disponível em: <<http://www.tecidosoxford.com.br/tecido-oxford.html>>. Acesso em: 13 nov. 2013.

PATIAS, Jaime Carlos. O sagrado e o profano: do rito religioso ao espetáculo midiático. In: **II Seminário Comunicação na Sociedade do Espetáculo**, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2007. Disponível em:

<<http://www.pluricom.com.br/forum/o-sagrado-e-o-profano-do-rito-religioso-ao#>>. Acesso em: 18 nov. 2013.

PAULA, Hermes Augusto de. **Montes Claros, sua história, sua gente, seus costumes**. 2ª ed. v. 3. Belo Horizonte: Minas Gráficas Ltda., 1979.

_____. **Montes Claros, sua história, sua gente, seus costumes**. 1ª ed. v. 1. Rio de Janeiro, 1957.

PEREIRA, Dalmir Rogério. **Alinhaves entre traje de cena e moda**: estudos a partir de Gabriel Villela e Ronaldo Fraga. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo. São Paulo.

PEREIRA, José Carlos do. A Linguagem do Corpo na Devoção Popular Catolicismo. **Revista de Estudos da Religião**, n. 3, 2003. Disponível em: <www.pucsp.br/rever/rv3_2003/p_pereira.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2012.

PORTAL DA FAMÍLIA ORIONITA NO BRASIL. **Nossa Senhora Achiropita é a alma italiana de São Paulo**. 19 ago. 2012. Disponível em: <<http://www.orionitas.com.br/sistemas/noticias/detalhesNoticia.php?id=649>>. Acesso em: 30 mai. 2014.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. **Performance Musical nos Ternos de Catopês de Montes Claros**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia.

RAMOS, Jarbas Siqueira. **Catopê**: o rosário de Bocaiúva. Bocaiúva, MG, 2011.

_____. Nas Festas dos Santos de Preto: um olhar sobre o ritual festivo dos Catopês na cidade de Bocaiúva MG. In: **VI Congresso de Pesquisa em Artes Cênicas 2010**. Disponível em: <<http://www.portalabrace.org/vicongresso/etnocenologia/Jarbas%20Siqueira%20Ramos%20%20Nas%20Festas%20dos%20Santos%20de%20Preto%20%20de%20Bocai%20fava%20MG.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

SANT'ANNA, Caroline Vieira. **A fotografia contemporânea no Brasil**: uma leitura da identidade étnico-racial brasileira em. Eustáquio Neves. 2007. (Dissertação) Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. Sobre o etnógrafo – turista e seus modos de ver. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Orgs.).

Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP& A, 2005.

SARMENTO, Clarice. Devoção de uma comunidade. **Jornal da Secretaria de Cultura de Montes Claros**, p. 2, 2001.

_____. Tradição e modernidade nas Festas de Agosto de Montes Claros. In: **Coleção Cadernos de Agosto**. Leonardo Palma Avelar (Org.). v. 3, ago. 2005.

SARUÊ – COMPANHIA DE DANÇAS PARAFOLCLÓRICAS. Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/Saru%C3%AA-Companhia-de-Dan%C3%A7as-Parafolcl%C3%B3ricas/204077333046273?sk=info>>. Acesso em: 29 jun. 2014.

SILVA, Vagner Gonçalves Da. **A crítica antropológica pós-moderna e a construção textual da etnografia religiosa afro-brasileira**. Disponível em: <http://n-a-u.org/novo/wp-content/uploads/2011/11/critica_antropologica.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2014.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Observação participante e escrita etnográfica. In: FONSECA, Nazaré Soares. **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 285-306.

SINGER, André. Posse do Presidente: O importante rito de passagem do poder. Detalhes da cerimônia de posse de um presidente da República. **Revista Super Interessante**. Dezembro de 1994. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cotidiano/posse-presidente-imponente-rito-passagem-poder-441064.shtml>>. Acesso em: 01-10-2014

SOBRINHO, João Pedro. Entrevistado pela autora em 31 de maio de 2014. Suporte: gravador digital.

TORRES, H. A. Alguns aspectos da indumentária da crioula baiana. **Cadernos Pagu**, Campinas: Unicamp, v. 23, jul./dez., 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=folkcom&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=504&path%5B%5D=337>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR, v. III, n. 5, jun. 2005.

WIKIPÉDIA. **Uniforme militar**. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Uniforme_militar>. Acesso em: 21 jul. 2014.

X FESTIVAL INTERNACIONAL DE FOLCLORE DE MINAS GERAIS. **Grupos participantes**. maio. 2012. Disponível em:
<http://www.grupobanze.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=47&Itemid=54>. Acesso em: 29 jun. 2014.